

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto
Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas

CARTAS A UMA MULHER DE LETRAS
CORRESPONDÊNCIA DE RALPH WALDO EMERSON
PARA EMMA LAZARUS
TRADUÇÃO COMENTADA



Tese apresentada para a obtenção do grau de
Mestre em Tradução e Interpretação Especializadas

Tese apresentada sob a orientação científica da
Mestre Helena Anacleto-Matias

Ana Paula Tavares da Silva
Dezembro 2010

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora Dr.^a Helena Anacleto-Matias a apresentação deste projeto inicialmente desconhecido para mim e no qual participei com entusiasmo. Agradeço a dedicação, a paciência, a amizade com que sempre me ajudou a realizá-lo, ajuda essa imprescindível para levar este projeto até à sua realização final.

Agradeço à minha família e amigos o apoio constante e o fazerem-me acreditar que levaria este projeto a bom porto.

Agradeço ao coordenador, colegas e amigos do INESC PORTO pela incansável ajuda e apoio que me permitiram a realização deste trabalho, nomeadamente António Gaspar, José Lino Oliveira, Margarida Gonçalves, Ricardo Henriques e Rui Barros.

Agradeço aos meus antigos colegas da Licenciatura e atuais colegas do Mestrado pelo apoio e entreaajuda, nomeadamente Irene Vaz e Tiago Anacleto-Matias.

Índice

AGRADECIMENTOS.....	I
ÍNDICE	III
CITAÇÃO	V
1. INTRODUÇÃO.....	VII
1.1. SINOPSE DO CORPUS	IX
1.2. PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES.....	IX
1.3. ORGANIZAÇÃO DO DOCUMENTO.....	XII
2. TRADUÇÃO DE CARTAS	15
2.1. CARTAS PORTUGUESAS DO SÉCULO XIX	18
2.2. FORMA DE COMUNICAÇÃO, COMPARAÇÃO ENTRE O SÉCULO XIX E HOJE	20
3. ENQUADRAMENTO LITERÁRIO COM AS POETAS E ESCRITORAS DO SÉCULO XIX	23
4. BIOGRAFIA E BIBLIOGRAFIA DO AUTOR DAS CARTAS	29
5. TRADUÇÃO	33
6. REFLEXÃO SOBRE A TRADUÇÃO.....	57
6.1. TRABALHO FUTURO	60
6.2. CONCLUSÃO.....	60
BIBLIOGRAFIA E WEBGRAFIA.....	LXIII
ANEXOS.....	LXVII

Citação

“No passado está a história do futuro”

(Juan Donoso Cortés)

1. Introdução

Apesar da frase do ministro espanhol Juan Donoso Cortés (1809-1853), “No passado está a história do futuro” ter sido proferida no século XIX, numa sociedade em profundas mudanças sociopolíticas, económicas e culturais, esta mantém-se atual. Salvaguardando as devidas diferenças ideológicas, o facto é que esta frase sintetiza o tema deste trabalho e serve também para definir a realidade em que nos encontramos nos dias de hoje, e também a realidade passada.

Este trabalho procura saber de que forma um tradutor deste século traduz e transmite a informação de há dois séculos atrás, tendo sempre em linha de conta todo um contexto histórico e cultural e também as próprias teorias da tradução que foram sofrendo evoluções através dos tempos. No século XIX, estas teorias tinham em consideração a tradução para:

“Nineteenth-century theorists and practitioners like Friedrich Schleiermacher and Wilhelm von Humboldt treated translation as a creative force in which specific translation strategies might serve a variety of cultural and social functions, building languages, literatures and nations”¹ (Venuti, 2004: 11).

Hoje em dia, o objetivo continua o mesmo, mas com mais informação adicional que se vai buscar a uma variedade de disciplinas, complementando a informação e contextualizando-a para um melhor entendimento e posterior explicitamento da tradução e da mensagem que o autor pretende passar, adquirindo assim o trabalho de tradução um carácter multidisciplinar. Uma dessas disciplinas é a antropologia que a enciclopédia multimédia online, Infopédia, define da seguinte forma: “Numa perspetiva global, a antropologia é a ciência que estuda o homem enquanto ser animado nos seus vários aspetos e na sua relação com a cultura, desde a pré-história até aos nossos dias. O objeto desta ciência do homem é a compreensão e estudo deste

¹ Venuti, Lawrence, *The Translation Studies Reader*, London, Routledge, 2000.

no mundo atual”², porque também “The central aim of anthropological enterprise has always been to understand and comprehend a culture (...)” e “This inevitably involves either the translation of words, ideas and meanings from one culture to another (...)”, além disso, “(...) translation has been so central to data-gathering procedures, and to search for meanings and understandings, which is the goal of anthropology”³ (Rubel, Rosman, 2003: 1).

Deste modo, a frase “No passado está a história do futuro” continua a fazer sentido nos dias de hoje, pois a informação que é necessária adquirir para se construir algo hoje está no passado que é a base para se construir o futuro.

A motivação para a escolha deste trabalho prendeu-se com o facto de desejar dar a conhecer duas personalidades do século XIX, Emma Lazarus e Ralph Waldo Emerson, pouco conhecidas em Portugal, principalmente a poeta Emma Lazarus. O gosto por História e Filosofia foram uma componente forte na prossecução deste trabalho, pois para a sua realização foi necessário efetuarem-se pesquisas ao nível histórico, biográfico e bibliográfico. Através dessas pesquisas, ficou a conhecer-se melhor a realidade socioeconómica e cultural do século XIX.

Sendo este trabalho uma tradução de uma obra epistolográfica, esta assume várias componentes de relevo e que importam reportar. Tendo a epistolografia um carácter mais pessoal, dá a conhecer pensamentos, ações, formas de vivência, sentimentos, costumes, papéis sociais, hierarquia social, que são veiculados através da tradução e transportados até aos dias de hoje.

E essa é a questão que se coloca neste trabalho, o qual consiste em saber de que forma um tradutor deste século traduz e transmite a informação de há dois séculos atrás.

A resposta a esta questão é dada através da questão cultural; só através de uma contextualização histórico sociocultural se consegue uma perspetiva e um entendimento do contexto geral.

² Antropologia, Infopédia, [em linha], <http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/Antropologia>, consultado em 10 de julho de 2010.

³ Rubel, Paula G., Rosman, Abraham, “Introduction: Translation and Anthropology” *Translating Cultures, Perspectives on Translation and Anthropology*, ed. by Paula G. Rubel and Abraham Rosman, Oxford and New York, Berg, 2003.

1.1. Sinopse do corpus

Dada a dimensão do corpus escolhido, escolheu-se focar mais em pormenor a tradução das cartas de Ralph Waldo Emerson, dada a sua relevância no que concerne às questões quantitativas e temporais e tendo em mente o facto de este ter sido crítico literário de Emma Lazarus.

A correspondência entre Ralph Waldo Emerson e Emma Lazarus durou cerca de quatro anos dando origem a vinte e quatro cartas: cronologicamente, a primeira carta data de 24 de fevereiro de 1868 e a última, de 22 de julho de 1871. A frequência da correspondência no primeiro ano foi bastante elevada: foram escritas onze cartas por Ralph Waldo Emerson; no segundo ano foram escritas nove cartas. No terceiro ano apenas duas cartas e no quarto ano também apenas duas.

A primeira carta dá conhecimento da oferta de Emma Lazarus a Ralph Waldo Emerson do livro "Poems and Translations" a quem o dedicou e ao qual Ralph Waldo Emerson teceu rasgados elogios devido à capacidade poética, passando a ser seu crítico literário. Nas cartas seguintes são efetuadas várias tentativas de marcação de encontros que posteriormente são desmarcados por Ralph Waldo Emerson. A relação entre ambos sofre um abalo quando Ralph Waldo Emerson não publica os poemas de Emma Lazarus na sua obra "Parnassus," facto que deixa Emma Lazarus muito magoada e a amizade quase termina.

Na última carta datada de 22 de julho de 1871, Ralph Waldo Emerson já não fala praticamente da poesia de Emma Lazarus, mas sim de si próprio, fazendo alusão à sua doença de uma forma metafórica, mas triste para quem lê a carta, uma vez que o seu prazer pela leitura se mantém, mas as palavras e a memória já o atraíam. Alguns anos antes de falecer, foi diagnosticada a Ralph Waldo Emerson uma doença do foro neurológico denominada Afasia, cujos sintomas principais, eram a perda de memória, incapacidade de lembrar nomes de pessoas e coisas e dificuldade na articulação da fala.

1.2. Principais contribuições

Na época em que foi mantida a correspondência entre Ralph Waldo Emerson e Emma Lazarus, viviam-se tempos de grandes mudanças por todo o mundo: os Estados Unidos da América viviam o período pós-guerra da Guerra de Sucessão (1861-1865), e estavam ainda em plena Revolução Industrial; ao nível filosófico, vivia-se o Transcendentalismo, filosofia que pretendia,

entre outras coisas, criar um novo tipo de literatura diferente e independente de tudo o que fosse europeu, principalmente inglês, e do qual Ralph Waldo Emerson foi precursor. Ao nível social, assistia-se à chegada a Nova Iorque dos emigrantes judeus fugidos da Rússia czarista devido aos *progroms*⁴ (palavra russa que significa causar estragos, destruir violentamente) e dos quais Emma Lazarus foi porta-voz: “Famine, war, genocide and exploitation have meant the forced movement of millions of asylum seekers and political and economic refugees who have found themselves coerced by circumstances into language shift and cultural displacement”⁵ (Cronin, 2000: 6).

Na Europa, a corrente literária seguia-se pelo Romantismo e os Estudos de Tradução também conheciam grandes mudanças. No início do século XIX era colocada a questão se a tradução era um atividade meramente mecânica (August Schlegel, 1767-1845) ou se teria uma componente de criação (Coleridge, 1772-1834), e perto do final do século, na época vitoriana “a necessidade de transportar através do tempo e do espaço o caráter remoto do original é uma preocupação recorrente dos tradutores vitorianos”⁶ (Bassnet, 2003: 117) e vai reportar-nos à questão deste capítulo que é:

De que forma um texto do século XIX poderá ser traduzido por um tradutor do século XXI?

Não vivendo numa época em que uma tradução nos poderia levar à fogueira, o que aconteceu com alguns tradutores da Bíblia, nomeadamente William Tyndale (1494-1536) e em que “... o problema da ténue fronteira entre o que constituía liberdade estilística e o que constituía interpretação herética haveria de permanecer como pedra de tropeço durante séculos”⁷ (Bassnet, 2003: 85) passando por uma época em que o tradutor passa a ser “invisível”, questão abordada por Lawrence Venuti (“The more fluent the translation, the more invisible the translator, and, presumably, the more visible the writer or meaning of the foreign text”)⁸ (Venuti, 1995: 2) e “Under the regime of fluent translating, the translator works to make his or

⁴ Progrom, palavra russa que significa causar estragos, destruir violentamente, USHMM- United States Holocaust Memorial Museum, Enciclopédia do Holocausto, <http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005183>, consultado em 10 de setembro de 2010.

⁵ Cronin, Michael, *Across the Lines Travel Language Translation*, Cork, Cork University Press, 2000.

⁶ Bassnett, Susan, *Estudos de Tradução*, trad. Viviana de Campos Figueiredo, Lisboa, ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

⁷ *Ibid.*, pp.85.

⁸ Venuti, Lawrence, *The Translator's Invisibility A History of Translation*, London, Routledge, 1995.

her work “invisible”, producing the illusory effect of transparency that simultaneously masks its status as an illusion: the translated text seems “natural”, i.e., not translated”⁹ (Idem, Idem: 5) e não vivendo numa época em que a cultura só era permitida a determinadas classes sociais, recorriam-se a determinadas técnicas para manter a distância não só temporal mas também cultural, como o arcaísmo, “(...) numa época de mudança social a uma escala sem precedentes, o princípio da arcaização pode comparar-se a uma tentativa de “colonização” do passado”¹⁰ (Bassnet, 2003: 124). Vivemos agora numa altura em que uma tradução nos leva a elaborar incursões por várias áreas distintas entre si, nomeadamente, os estudos literários, a linguística, a história, a filosofia, a antropologia: “The viability of a translation is established by its relationship to the cultural and social conditions under which it is produced and read”¹¹ (Venuti, 1995: 18). É possível realizar um trabalho de tradução que vai atravessar fronteiras linguísticas e culturais até chegar ao seu destino, sendo esta dissertação um modesto contributo para os Estudos da Tradução. “If communication between languages and cultures is an assumed and accepted fact in our contemporary world, it was by no means self-evident in the past. Yet all major cultures exchange in history involved translation (...)”¹² (Burke, Hsia, 2007: 1), no entanto, “The greater the distance between the languages and cultures, the more clearly do the problems of translation appear”¹³ (Burke, 2007: 10)

Este trabalho aborda a tradução de uma obra epistolográfica do século XIX ainda não traduzida para português. O seu corpus e a sua forma são as maiores preocupações deste trabalho, dado que abordam questões biográficas e bibliográficas de duas personalidades distintas que se cruzaram e utilizaram as cartas como meio de comunicação para transmissão de informação, de crítica literária, de pensamentos, de sentimentos. Como fator distintivo, acrescenta-se o facto de ter que se fazer um exercício de “transporte” para o século XIX e encarnar uma personagem para melhor entender o sentido e a mensagem que o autor das cartas pretendia transmitir, efetuando, assim, uma melhor tradução e o mais fiel possível ao original. Entenda-se

⁹ Ibid., pp.5.

¹⁰ Bassnett, Susan, *Estudos de Tradução*, trad. Viviana de Campos Figueiredo, Lisboa, ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

¹¹ Venuti, Lawrence, *The Translator’s Invisibility A History of Translation*, London, Routledge, 1995.

¹² Burke, Peter, Hsia, R. Po-chia, *Cultural Translation in Early Modern Europe*, ed. by Peter Burke and R. Po-chia Hsia, New York, Cambridge University Press, 2007.

¹³ Burke, Peter, “Cultures of translation in early modern Europe”, *Cultural Translation in Early Modern Europe*, ed. by Peter Burke and R. Po-chia Hsia, New York, Cambridge University Press, 2007.

“transporte” como “viajar”, isto é, parafraseando Michael Cronin “o tradutor é também um viajante de uma fonte para a outra”¹⁴, de uma língua de partida para uma língua de chegada, de uma determinada cultura para outra cultura distinta: “The relation between linguistic translation and cultural translation has recently been the concern of a number of perceptive studies focused on the movement of ideas such as liberty, individualism, and democracy from the West to China, Japan, West Africa and elsewhere”¹⁵ (Liu, 1995 in Burke, 2007: 10), e também de um espaço temporal para outro, nomeadamente do século XIX para o século XXI.

Outra questão que se colocou foi o distanciamento geográfico, cultural e o hiato temporal; as cartas foram escritas nos Estados Unidos da América no século XIX e a tradução efetuada no século XXI em Portugal. De que forma suprir este distanciamento para um melhor entendimento da tradução e ao mesmo tempo mantê-lo intacto para uma melhor compreensão do significado da mensagem e da intenção de quem a escreveu? A resposta a esta questão é simples, sob a forma escrita. Entenda-se por escrita (segundo a enciclopédia multimédia online, Infopédia) como a “Representação do pensamento e da palavra por meio de sinais”¹⁶. O conteúdo da mensagem chega até aos dias de hoje, ou seja, chega até ao presente, trazendo notícias do passado; assim, desta forma, os dois mundos passam a coexistir, presente e passado encontram-se representados neste trabalho: o passado no original das cartas e o presente na sua tradução deixando desta forma também um legado para o futuro.

1.3. Organização do documento

Este trabalho está organizado em seis capítulos complementados com anexos onde se encontram documentos que apoiam a visão histórica e biográfica do trabalho realizado. O original das cartas em inglês encontra-se disponibilizado no CD-ROM que acompanha a versão em papel.

¹⁴ Cronin, Michael, *Across the Lines travel language translation*, Cork, Cork University Press, 2000.

¹⁵ Liu, Lydia H., *Translingual Practice: Literature, National Culture and Translated Modernity - China 1900-1937*, Stanford, Stanford University Press, 1995.

¹⁶ Escrita, Infopédia [Em linha], <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/escrita>, consultado em 25 de junho de 2010.

Neste primeiro capítulo, a introdução, é descrito o contexto e a motivação para a realização deste trabalho, é efetuada a sinopse do corpus e a origem do problema tratado na dissertação e descrita a solução idealizada para essa questão.

Após a introdução, no Capítulo 2 é abordada a temática da tradução de cartas, fazendo-se uma breve introdução do que são as cartas, da sua origem e qual a sua função. É abordada a questão da sua tradução, qual o seu propósito e a que fim se destinam, fazendo-se também uma breve incursão por algumas cartas portuguesas do século XIX, dando a conhecer algumas obras epistolográficas de autores desse século. Por fim, é efetuada uma comparação entre as formas de comunicação dos séculos XIX e XXI, como era efetuada a comunicação há dois séculos e como é efetuada nos dias de hoje com o advento das TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação.

No Capítulo 3 é efetuado o enquadramento literário com as poetisas e escritoras do século XIX, fornecendo dados biográficos e bibliográficos de três mulheres proeminentes do seu século efetuando-se a comparação das semelhanças com dados biográficos de Emma Lazarus, dando assim uma perspetiva da obra poética feminina do século XIX e do papel ativo da mulher na defesa de causas e ideias.

No Capítulo 4 faz-se uma descrição do autor das cartas, Ralph Waldo Emerson, endereçadas a Emma Lazarus. Essa descrição é efetuada através de dados biográficos da obra deixada, elaborando-se também uma abordagem pelo movimento filosófico do qual foi precursor nos Estados Unidos.

Seguidamente, no Capítulo 5 é realizada a tradução das vinte e quatro cartas enviadas a Emma Lazarus por Ralph Waldo Emerson. Para a realização desta tradução recorreu-se ao uso de dicionários bilingues em suporte digital, nomeadamente dicionários on-line como a Infopédia, o Thefreedictionary e dicionários unilingues em suporte de papel, nomeadamente o Oxford Advanced Learners Dictionary. Foi também utilizado um prontuário da língua portuguesa, uma gramática da língua inglesa e o dicionário de Phrasal Verbs da Oxford.

Esta Tese termina com as conclusões no Capítulo 6, seguidas da bibliografia e dos anexos. Neste último capítulo é apresentada uma sugestão para trabalhos futuros, dado que o livro que deu origem a esta tradução possui mais cartas e de variados autores, dando possibilidade de serem efetuados trabalhos de tradução e respetivo contexto histórico e biográfico dos diversos autores das cartas. Por fim, são apresentadas as conclusões deste trabalho.

2. Tradução de cartas

Para se analisar esta questão, importa meditar sobre o papel das cartas ao longo dos tempos e o porquê da necessidade da tradução de cartas.

As cartas são integradas num género literário denominado Epistolografia, proveniente da palavra epístola, em grego *epistolé*, que significa ordem, carta, missiva, que:

“(...) serviram, desde tempos imemoriais, para a troca de mensagens relacionadas com os mais diversos domínios da atividade humana, da vida política, social e privada. Todavia, embora a carta diga apenas respeito ao seu emissor e ao recetor, notou-se desde a Antiguidade a tendência para que um ou outro protagonista desta troca de correspondência – sobretudo o autor – a franqueie a um público mais vasto.”¹⁷ (Rebelo, 2002: 33)

Muitas foram as figuras que ao longo da História utilizaram as cartas como veículo comunicacional e de transmissão de ideologias, pensamentos e/ou sentimentos para o mundo.

Ainda na Antiguidade, o pensador político e filósofo romano Marco Túlio Cícero deixou um vasto legado epistolográfico “931 cartas, repartidas por 37 livros”¹⁸ (Idem, 2002: 33), abordando variados temas, desde política a temas pessoais.

As cartas serão provavelmente um dos meios de comunicação mais antigo do mundo, e a sua origem está relacionada com a necessidade do Homem de comunicar. Como exemplo desta necessidade é inaugurada a correspondência oficial brasileira com a descoberta do Brasil por Pedro Álvares Cabral e é enviada uma carta ao rei de Portugal por Pero Vaz de Caminha dando

¹⁷ Rebelo, António Manuel Ribeiro, “Tipologia da epistolografia ciceroniana”, *Boletim de Estudos Clássicos*, nº 37, 2002, pp.33-36.

¹⁸ Idem. Ibid.

conhecimento da descoberta, ou as cartas de Afonso de Albuquerque ao rei de Portugal, sobre as dificuldades na Índia.

No panorama português surgiram as *Lettres Portugaises* (1669) inicialmente de autor desconhecido e posteriormente atribuída a autoria a uma religiosa do Convento da Conceição de Beja, Mariana Alcoforado (1640-1723), que escreveu cinco cartas de amor ao cavaleiro francês e mais tarde Marquês de Chamilly, Noel Bouton. Posteriormente, as cartas foram traduzidas para francês e publicadas pelo editor Claude Barbin com o título *Lettres Portugaises Traduites en Français*.

Neste caso, as cartas serviram o seu principal propósito que é o de comunicar algo de pessoal ou familiar, sendo o meio utilizado para a expressão de um amor. Começa por ser uma situação do domínio pessoal e privado mas quando é transportado para o domínio público, através da tradução, neste caso para francês, assume proporções de outras dimensões, dando a conhecer algo de proibido e causando choque numa sociedade conservadora: “Estas cartas de amor são um marco na literatura europeia, fixando um certo modo de escrita que ficou então conhecido por escrita “a la Portugaise”, isto é, texto essencialmente notado pelo domínio das paixões sobre a razão e por uma certa irracionalidade do discurso”¹⁹ (Ceia, 2005).

Já em 1746, o frade Francisco José Freire (1719-1773), membro da academia literária *Arcádia Lusitana*, lança a obra *O Secretário Português*, cujo intuito é o de facilitar as normas e métodos de escrita de cartas nas suas mais variadas formas, dividindo as cartas em três grandes géneros: demonstrativo, judicial e deliberativo. Demonstrou, assim, a preocupação de sintetização e sistematização dos diversos géneros, colocando-as à disposição de toda a comunidade letrada.

Já na contemporaneidade, surgiu a “Carta Internacional dos Direitos Humanos: Declaração Universal dos Direitos do Homem”, que consagra os direitos e liberdades fundamentais da pessoa humana.

¹⁹ Ceia, Carlos, Epístola, E-Dicionário de Termos Literários, coord. de Carlos Ceia, 2005, <http://www.fcsh.unl.pt/invest/edtl/verbetes/E/epistola.htm>, consultado em 14 de setembro de 2010.

Mais tarde, já no âmbito da União Europeia foi elaborada a “Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia” que representa a síntese de valores comuns dos Estados Membros da União Europeia. Os objetivos desta carta são explicitados no preâmbulo, nomeadamente: “é necessário, conferindo-lhes maior visibilidade por meio de uma Carta, reforçar a proteção dos direitos fundamentais, à luz da evolução da sociedade, do progresso social e da evolução científica e tecnológica” (JOC 364/8 de 18.12.2000).

A tradução de cartas é um trabalho necessário, dado o seu valor intrínseco, pois era uma das formas de correspondência e comunicação entre as pessoas do século XIX. As cartas dão a conhecer informação da qual, doutra forma, não se tomaria conhecimento ou até nem chegaria aos dias de hoje. As cartas eram uma forma de as pessoas se relacionarem e manterem o contacto estando longe, uma vez que os transportes eram lentos e os meios de comunicação e correspondência eram escassos. No entanto, este trabalho não era fácil uma vez que os tradutores não possuíam ferramentas: o dicionário Francês-Inglês só surgiu no século XVI em 1580 e passaram dois séculos até que surgisse o dicionário Alemão-Sueco em 1749, “Before those dates translators who encountered problems with a particular language had either to work via Latin or to turn for help to a native speaker”²⁰ (Burke, 2007: 14).

Nos dias de hoje, as mudanças são constantes e chegaram ao mundo da tradução, principalmente ao mundo empresarial, revolucionando-o por completo com a aparição do conceito de Localização: “(...), localization revolves around combining language and technology to produce a product that crosses cultural language barriers”²¹ (Esselink, 2003). Este conceito trouxe novas abordagens para se efetuar uma tradução e fez surgir uma nova profissão, a de engenheiro de localização “Translators, localization engineers and project managers were recruited from all over Europe (...). For most translators, it was their first introduction not only to computers, but also to the concepts of software localization”²² (Esselink, 2003). O trabalho de tradução em empresas que pretendem “localizar” os seus produtos é efetuado com recurso à tecnologia informática e a equipas pluridisciplinares: “(...) Within a localization services company, localization teams would typically be coordinated by a project manager overseeing

²⁰ Burke, Peter, “Cultures of Translation in early Modern Europe”, *Cultural Translation in Early Modern Europe*, ed. by Peter Burke and R. Po-chia Hsia, New York, Cambridge University Press, 2007.

²¹ Esselink, Bert, “The Evolution of Localization”, *The Guide for Multilingual Computing & Technology*, #57 *Supplement*, July/August 2003, <http://www.multilingual.com>, consultado em 15 de junho de 2010.

²² Idem ibid.

schedules and budgets, a linguistic to monitor any linguistic issues, and an engineer to compile and test localize software (...)”²³ (Esselink, 2003).

A tradução de cartas torna-se importante na medida em que nos fornece conteúdos da vida das pessoas, nomeadamente costumes da época, forma de estar em sociedade, preconceitos, práticas sociais. Existem diferenças nas cartas escritas por homens e mulheres e as diferenças são notórias dado o papel atribuído à mulher do século XIX ser muito rígido e com muitas regras de conduta.

Através delas, podemos saber de que forma se relacionavam as pessoas, de que forma comunicavam e de que forma era partilhada a informação; a forma encontrada para o fazer é aqui através da tradução de inglês para português.

2.1. Cartas portuguesas do século XIX

No século XIX, a arte epistolar não era um bem acessível à maioria dos portugueses. Apesar das consequências da Revolução Industrial que se faziam sentir mais a partir da segunda metade do século, com a utilização da máquina a vapor, a nível escolar, apenas o ensino básico passa a ser obrigatório e o secundário alargado a todas as capitais de distrito. Apesar destas grandes mudanças, os elevados índices de analfabetismo mantinham-se,

“Em 1878, 79,4% dos portugueses maiores de 6 anos residindo no continente do Reino não sabiam ler. (...) Mais importante ainda é notar que, enquanto, em 1890, 74,1% das crianças com idades entre os 7 e os 9 anos permaneciam iletradas, desde 1960 que todos os portugueses aprendem a ler e a escrever entre essas idades”²⁴ (Ramos, 1988: 103-104)

e por consequência, os níveis de iliteracia também se mantinham elevados.

No entanto, o século XIX foi profícuo em termos literários, surgindo grandes nomes da cultura Portuguesa que ficaram na História, como Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Teófilo Braga,

²³ Ibidem ibid.

²⁴ Ramos, Rui, “Culturas de alfabetização e culturas de analfabetismo em Portugal: uma introdução à História da Alfabetização no Portugal contemporâneo”, *Análise Social*, vol. 24, 1988, pp. 103-104.

Fialho de Almeida, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Antero de Quental, Oliveira Martins, Trindade Coelho, entre outros. Essas figuras correspondiam-se entre si, não só porque era uma prática social comum, própria de quem era culto, mas porque, por vezes, as suas profissões os levavam para longe e dessa forma comunicavam, transmitindo informação que poderia ser de índole variada, nomeadamente, ideias políticas, sociais, pessoais.

Entre estes vultos literários falemos muito brevemente da relação que uniu um poveiro, Eça de Queiroz (1845-1900) e um portuense, Ramalho Ortigão (1836-1915). Esta relação inicia-se quando Ramalho de Ortigão é professor e tem como aluno Eça de Queiroz. Mais tarde (1870) publicam juntos “O mistério da Estrada de Sintra” e em 1871 iniciam a publicação dos fascículos “As Farpas”. Devido a ser nomeado Cônsul, Eça de Queiroz parte para fora do país, mas mantém muita atividade epistolográfica. As cartas versam variados assuntos, desde a crítica à vida pública portuguesa, mas também, à semelhança de Emma Lazarus e Ralph Waldo Emerson, Eça de Queiroz escreve uma carta a Ramalho Ortigão em 7 de novembro de 1876, pedindo opinião sobre uma obra que lançara, “O Crime do Padre Amaro”. O estilo mordaz e único de Eça de Queiroz e a relação de amizade entre ambos faz com que a saudação da carta seja algo tão *sui generis* como “Il.^{mo} Ex.^{mo} Sr. Burro e Amigo”, segue-se o pedido de opinião “ (...) Preciso conselhos, direcções, preciso conhecer-me a mim mesmo (...)”, seguindo-se a crítica mordaz “ (...) Que me diz Você à nossa *crítica* que não teve uma palavra para o “Padre Amaro”? Que vergonha! – Não tem Você uma “Farpa”, uma das melhores para lhes rachar os cachaços?(...)”²⁵ (Queiroz, 2001: 23-25).

Também da relação de dois minhotos nasceu uma obra epistolográfica considerável e editada em livro em 2007 por João Afonso Machado, “Minhotos, Diplomatas e Amigos – A correspondência (1886-1916) entre o 2º Visconde de Pindela e António Feijó”. António Feijó, (1859-1917), diplomata português nascido em Ponte de Lima e que por questões profissionais exerceu as suas funções no Brasil e na Suécia, correspondeu-se com outro diplomata minhoto que exercia funções na Alemanha, de seu nome, Vicente Pinheiro Lobo Machado de Melo e Almada ou 2º Visconde de Pindela.

²⁵ Obras de Eça de Queiroz, *Cartas e Outros Escritos*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, 2001.

O importante valor histórico, cultural e social que este tipo de obras transmite, trazendo-nos até aos dias de hoje as histórias e vidas do passado, faz com que continuem a ser traduzidas e publicadas, como importante veículo de transmissão cultural e histórica, tendo-se sempre como base a função primordial do Homem e também das cartas, que é a comunicação; como exemplo cite-se as obras de Eça de Queiroz que continuam a ser publicadas e traduzidas hoje em dia:

“A publicação de Os Maias faz parte do projeto da “Dedalus Books” com Margaret Jull Costa de traduzir para Inglês todos os romances de Eça de Queiroz (...). O projecto iniciou-se em 1992 com a tradução de O Mandarim e terminará em 2012, com uma recolha de contos do escritor realista português (...)”²⁶.

2.2. Forma de comunicação, comparação entre o século XIX e hoje

É precisamente com a comunicação que começamos este subcapítulo, ou mais propriamente, a comparação entre as formas de comunicação no século XIX e nos dias de hoje, que são bastantes distintas. Tanto na maneira como é efetuada a comunicação como nos meios utilizados para a efetuar “Encontrando-se na encruzilhada de várias disciplinas os processos de comunicação, suscitaram o interesse de ciências tão diferentes como a filosofia, a história, a geografia, a psicologia, a sociologia, a etnologia, a economia, as ciências políticas, a biologia, a cibernética ou as ciências cognitivas”²⁷ (Mattelart, 1997: 7).

As cartas eram o meio privilegiado de comunicação e cumpriram o seu papel primordial que é o de comunicar, de transmitir algo, de expressar algo. Mas funcionavam lentamente, demoravam tempo a chegar ao destino, porque os meios de transporte também eram mais lentos e escassos. No entanto, as mudanças estavam em marcha e em meados do século XIX, em 1835, é inventado o telégrafo que veio acelerar as comunicações a grandes distâncias. Apesar da invenção do telefone estar atribuída a Alexandre Graham Bell, em 2002 é reconhecido pelo Congresso dos Estados Unidos que o inventor do telefone não foi Alexander Bell mas sim um

²⁶Instituto Camões Portugal, <http://www.instituto-camoes.pt/eua/tradutora-de-eca-de-queiroz-para-ingles-recebe-premio-do-pen-club.html>, consultado em 10 de Outubro de 2010.

²⁷ Mattelart, Armand e Michèle, *História das Teorias da Comunicação*, Porto, Campos das Letras-Editores, S.A., 1997.

italiano de seu nome Antonio Meucci que inventou o telefone em 1860. A comunicação passa a ser efetuada em tempo real.

Hoje em dia, vivemos na chamada Sociedade da Informação que:

“(...) se refere a um modo de desenvolvimento social e económico em que a aquisição, armazenamento, processamento, valorização, transmissão, distribuição, e disseminação de informação conducente à criação de conhecimento e à satisfação das necessidades e das empresas, desempenham um papel central na atividade económica, na criação de riqueza, na definição da qualidade de vida dos cidadãos e da suas práticas culturais”²⁸ (MSI, 1997)

As TIC “(...) oferecem instrumentos úteis para as comunicações pessoais e de trabalho, para o processamento de textos e de informação sistematizada, para acesso a bases de dados e à informação distribuída nas redes eletrónicas digitais (...)”²⁹ (MSI, 1997). Com estas tecnologias, a informação propaga-se de forma célere diminuindo o tempo de espera para frações de segundo - “Contribuem por isso para abater as fronteiras nacionais e culturais que, até há bem pouco tempo ainda, delimitavam as comunidades de pertença”³⁰ (Rodrigues, 1999: 20).

Hoje em dia, pelas razões apresentadas e por fatores económicos, a escrita de cartas em papel cinge-se a documentação institucional ou publicitária, exceção feita às cartas dos leitores aos jornais que continuam a ser escritas e publicadas como uma forma da sociedade civil manifestar opinião sobre determinados assuntos, criticando ou dando sugestões: “O Público publica cartas dos seus leitores para que estes possam exprimir a sua opinião sobre a atualidade, difundir informação que considerem relevante para os outros leitores e comentar a própria abordagem noticiosa feita pelo Público”³¹ (Público, 2005).

Em substituição, podemos identificar o *email* como o equivalente atual para a tradicional comunicação por carta. Outras classes de ferramentas de comunicação são os sistemas de

²⁸ *Livro Verde para a Sociedade de Informação em Portugal*, Missão para a Sociedade de Informação, Lisboa, 1997.

²⁹ *Ibid.* Idem.

³⁰ Rodrigues, Adriano Duarte, *As Técnicas da Comunicação e da Informação*, Lisboa, Editorial Presença, 1999.

³¹ *Jornal Público*, Critérios para publicação de cartas ao Diretor, Fevereiro 2005, <http://static.publico.clix.pt/homepage/site/contactos/criterios/cartasDirector.aspx>, consultado em 18 de julho de 2010.

mensagens escritos ou multimédia (ex.: Messenger, Skype), os blogs e os Wiki, que se caracterizam por serem plataformas colaborativas de escrita: “De facto, sem sairmos de casa, sem despendermos tempo nem recursos com deslocações, temos hoje a possibilidade, com um simples toque no rato do nosso computador, através dos dispositivos multimédia, de entrar em contacto com uma infinidade de interlocutores potenciais”³² (Rodrigues, 1999: 22).

³² Rodrigues, Adriano Duarte, *As Técnicas da Comunicação e da Informação*, Lisboa, Editorial Presença, 1999.

3. Enquadramento literário com as poetas e escritoras do século XIX

Neste capítulo elaborou-se o enquadramento teórico com algumas poetas oitocentistas da Inglaterra e dos Estados Unidos da América. Falaremos de Elizabeth Browning, Emily Dickinson e Margaret Fuller, tendo sempre como fio condutor a análise das semelhanças com Emma Lazarus e evidenciando a escrita feminina do século XIX e o papel da mulher nessa sociedade eminentemente dominada por estruturas masculinas e inserida num mundo em grandes e constantes transformações económicas, sociais e tecnológicas.

Uma figura proeminente da sociedade inglesa do século XIX foi Elizabeth Barrett Browning, poeta inglesa nascida a 6 de março de 1806 em Durham, Inglaterra, e que faleceu a 29 de junho de 1861. A sua instrução foi desenvolvida em casa por um percetor, tendo adquirido o gosto pela leitura. Aos catorze anos organizou a sua primeira coletânea de poemas, *The Battle Of Marathon* (1820), seguindo-se *An Essay On Mind*, publicado a expensas de seu pai em 1826.

Em 1844, com a publicação de *Poems*, obteve grande popularidade, e foi elogiada por Edgar Allan Poe, entre outros, mantendo os seus contatos por carta, nomeadamente com Thomas Wentworth Higginson. Este homem de letras, ensaísta, poeta e abolicionista foi um grande defensor do voto feminino. Um dos correspondentes de Elizabeth Barrett Browning foi o poeta Robert Browning com quem se casou e viajou para Itália, onde começou o seu interesse pela causa da independência italiana. Em 1857 publicou *Aurora Leigh*, obra que versava a questão do papel da mulher na sociedade. Esta questão era de sobremaneira importante para Elizabeth Barrett Browning, tendo em conta que o seu pai tinha proibido as filhas de casar, tendo esta que fugir para o poder fazer.

As semelhanças entre estas duas poetas são notórias, começando pelo facto de serem ambas filhas de pais abastados que a expensas próprias financiaram as publicações das filhas; pelo facto de ambas trocarem correspondência com homens mais velhos e homens de letras a quem consideravam seus mentores, e principalmente pelo facto de ambas terem um papel ativo na

sociedade, não só como poetas reconhecidas, mas também pelo facto de serem defensoras de causas sociais: no caso de Elizabeth Barret Browning, a injustiça social, a escravatura, os direitos das mulheres. Da sua bibliografia constam as seguintes obras:

1820 - The Battle of Marathon: A Poem,

1826 - An Essay on Mind, with Other Poems,

1833 - Prometheus Bound, Translated from the Greek of Aeschylus, and Miscellaneous Poems,

1838 - The Seraphim, and Other Poems,

1844 - Poems,

1850 - Poems, 1850 (incluindo Sonnets from the Portuguese),

1851 - Casa Guidi Window,

1853 - Poems (3rd ed.),

1856 - Poems (4th ed.),

1857 - Aurora Leigh,

1860 - Poems Before Congress,

1862 - Last Poems, 1862 (ed. by Robert Browning),

1863 - The Greek Christian: Poets and The English Poets.

Contemporânea e admiradora da literatura de Elizabeth Barrett Browning foi Emily Dickinson, poeta norte americana que nasceu a 10 de dezembro de 1830 e faleceu a 15 de maio de 1886. Da vida de Emily Dickinson sabe-se que manteve correspondência tanto com familiares como com alguns intelectuais da época, nomeadamente Thomas Wentworth Higginson. A sua forma de escrita era diferente da usada na época: "She is noted for her unconventional broken rhyming meter and use of dashes and random capitalization as well as her creative use of

metaphor and overall innovative style”³³ (Merriman, 2006) e dos serões em casa do irmão destaca-se o convidado Ralph Waldo Emerson.

As semelhanças entre Emma Lazarus e Emily Dickinson residem no facto de ambas se corresponderem muito com outras pessoas. Obviamente que no século XIX as cartas funcionavam como forma de partilha de informação e também sentimentos, que de outra forma não seriam possíveis transmitir. Tanto quanto se sabe, Emily Dickinson passou a maior parte da sua vida em casa e raras vezes viajou, por isso, a correspondência era o seu meio privilegiado de contacto com o mundo, sendo de notar o facto de ambas conhecerem Ralph Waldo Emerson e Thomas Wentworth Higginson.

Quem também conheceu Ralph Waldo Emerson em 1835 foi a jornalista norte-americana Margaret Fuller, nascida a 23 de maio de 1810 em Massachusetts e que faleceu em 1850. Esta mulher foi também crítica literária e defensora dos direitos das mulheres, estando também associada ao movimento transcendentalista. O seu primeiro professor foi o seu pai, ingressando depois na escola onde se tornou professora. Tornou-se na primeira editora de uma revista, *DIAL*, associada ao movimento transcendentalista. Mais tarde, o jornal *Tribune* enviou-a para a Europa, tornando-se assim na primeira mulher correspondente. Durante a sua estada na Europa apaixonou-se por um revolucionário italiano, passando a viver em Florença. Da sua obra destaca-se *Woman in the Nineteenth Century* que se tornou na primeira obra feminista dos Estados Unidos, onde era discutido o papel da mulher na sociedade americana. Curiosamente, esteve quase para se encontrar com Elizabeth Barrett Browning, pois possuía uma carta de apresentação do escritor americano Cornelius Matthews para esta. No entanto, nunca se chegaram a encontrar, uma vez que Elizabeth Barrett Browning fugiu com Robert Browning para Itália.

As semelhanças com Emma Lazarus, começam pelo pai. A figura paterna é um elemento muito presente e importante na vida destas mulheres, que ajuda na educação superior das filhas. No caso de Margaret Fuller, foi o seu primeiro professor, enquanto o pai de Emma Lazarus acreditou no seu potencial literário e financiou a sua obra. Essa educação superior leva-as a patamares de pensamento e uso das palavras para defender causas que no caso de Margaret

³³ Merriman, C.D., for Jalic Inc, The Literature Network - Emily Dickinson, 2006, <http://www.online-literature.com/dickinson/>, consultado em 15 de maio de 2010.

Fuller se direciona para os direitos das mulheres e já em Itália adere à revolução italiana. Em 1839, é convidada por Ralph Waldo Emerson para editora da revista *DIAL*. Emma Lazarus e Margaret Fuller foram contemporâneas apenas por um ano, dado que Margaret Fuller morreu um ano depois de Emma Lazarus nascer; no entanto, a história destas mulheres cruza-se com o mesmo homem, Ralph Waldo Emerson.

Emma Lazarus nasceu em 1849 e faleceu em Nova Iorque em 1887 no seio de uma família judia abastada. Incentivada pelo pai, publica aos dezoito anos a sua primeira coletânea de poemas que incluía traduções de alguns poetas românticos - esta primeira fase literária é influenciada pela mitologia grega. Em 1871, publica *Admetus and Other Poems*, obra dedicada a Ralph Waldo Emerson de quem se torna amiga, correspondente e pupila literária. A sua amizade quase termina quando Ralph Waldo Emerson decide não publicar poemas de Emma Lazarus na sua coletânea de poemas *Parnassus*, situação que lhe causa sofrimento e da qual anexamos um artigo publicado por Emma Lazarus a relatar essa situação.

Só numa fase posterior da sua vida é que Emma Lazarus toma consciência da questão judaica aquando dos *pogroms* na Rússia (1879-1882), tornando-se numa ativista a favor da causa judaica, tomando consciência dos problemas com que os judeus se defrontavam.

Esta fase será marcada não só pela publicação de obras sobre o sofrimento do povo judeu, como é o exemplo da peça em verso *Dance to Death*, como pelas obras de beneficência para com os emigrantes judeus que chegavam regularmente a Nova Iorque. Também houve a publicação do soneto *The New Colossus*, dedicado ao sofrimento do povo judeu e que mais tarde foi colocado no pedestal da Estátua da Liberdade como homenagem à poeta que abraçou a causa, Emma Lazarus: "(...) A bronze plaque, dedicated in memory of Emma Lazarus' contribution to the completion of the Statue's pedestal, has been affixed to the inner walls of the pedestal since the early 1900's. This plaque, (...), has come to symbolize the statue's universal message of hope and freedom for immigrants coming to America and people seeking freedom around the world."³⁴ (<http://www.nps.gov/>, 2010)

³⁴National Park Service, Statue of Liberty National Monument, <http://www.nps.gov/stli/historyculture/stories.htm>, consultado em 22 de março de 2010.

No prefácio do livro, Ralph L. Rusk compara-a com o poeta John Greenleaf Whittier ao mencioná-la como "*She was a lesser, Whittier, with a special cause to sing*", devido ao facto de Emma Lazarus ter abraçado a causa judaica e ter colocado a sua arte ao seu serviço.

Da bibliografia de Emma Lazarus constam as seguintes obras:

1866 - Poems and Translations. Written Between the Ages of Fourteen and Sixteen,

1871 - Admetus and Other Poems,

1874 - Alide: An Episode of Goethe's Life,

1876 - The Spagnoletto,

1881 - Poems and Ballads of Heinrich Heine,

1882 - Songs of a Semite: The Dance to Death and Other Poems,

1883 - The New Colossus.

Da vida destas quatro mulheres do panorama literário do século XIX, ressaltam várias coincidências já apontadas anteriormente; no entanto, e apesar de três destas mulheres serem de nacionalidade norte-americana e contemporâneas nunca se terem conhecido, não obstante, existiu um elo que as ligou para sempre, passando pelas suas vidas e deixando marcas indeléveis - falamos de Ralph Waldo Emerson.

Essas marcas assumiram a forma de carta na correspondência trocada entre Emma Lazarus e Ralph Waldo Emerson, deixando assim para a posteridade um importante contributo histórico e literário, assunto deste trabalho.

4. Biografia e bibliografia do autor das cartas

Este contributo inicia-se quando Emma Lazarus foi apresentada com 19 anos àquele que viria a ser seu mentor e crítico literário, Ralph Waldo Emerson.

Ralph Waldo Emerson foi filósofo, orador, ensaísta, conferencista e poeta. Nasceu em Boston, Massachusetts, e foi educado em Harvard, tornando-se pastor em 1829. Dado ter enviuvado apenas dois anos após se ter casado e apesar de ser ministro da Segunda Igreja Unitária de Boston, esta situação provocou-lhe uma crise espiritual. Seguiu-se o abandono da igreja em 1832 e a consequente saída do país para viajar durante um ano pela Europa.

Foi o precursor nos Estados Unidos de um movimento ideológico que lhe atribuiu um prestígio internacional, o Transcendentalismo, movimento filosófico, religioso e literário que pode ser compreendido no seu contexto pela sua revolta, ou seja, pelo que queriam mudar nos cânones instituídos. Este movimento teve como protagonistas uma geração de pessoas com grau de educação superior e que viveu no período que antecedeu a guerra civil americana (1861-1865). Estes queriam criar um novo tipo de literatura diferente e independente de tudo o que fosse europeu, principalmente inglês, bem diferente da corrente literária da época, o Romantismo, que rejeitava o racionalismo e dava lugar ao sonho e ao individualismo.

Através da crítica da bíblia que se estava a desenvolver na Alemanha e olhando para as escrituras cristãs e judaicas através dos olhos da análise literária foram levantadas questões sobre os cânones religiosos instituídos. Este movimento era contra a escravatura e a favor dos direitos da mulher.

Ralph Waldo Emerson define-o desta forma “We will walk on our own feet; we will work with our own hands; we will speak our own minds...A nation of men will for the first time exist, because each believes himself inspired by the Divine Soul which also inspires all me”³⁵.

Ralph Waldo Emerson teve um papel de relevância na vida de Emma Lazarus. Foi seu crítico literário e corresponderam-se por alguns anos, mas a relação entre ambos nem sempre foi pacífica, havendo alguns episódios relatados de desentendimentos ou mal-entendidos. Ralph Waldo Emerson era um homem de letras, o que pressupõe alguma subjetividade. Essa subjetividade era de certa forma transportada para as cartas através de um sentimento exagerado da personalidade, ou seja, uma disposição para falar de si próprio, fazendo análise de si próprio. Este sentimento nota-se nas cartas, quando por repetidas vezes fala da sua falta aos compromissos e quando na última carta fala de si e da sua doença, o que em termos literários é designado por egotismo. Esta subjetividade está também presente nas cartas que mais não são do que relatos autobiográficos e cujas principais características são a subjetividade e o confessionalismo – sendo a este conceito atribuída a denominação de “Memorialismo”. Estas características estão presentes nas cartas, mas dado que Ralph Waldo Emerson assumiu um papel ativo, o de crítico literário, tenta depois manter a distância na relação entre ambos.

O Transcendentalismo constitui uma rutura na vida de Ralph Waldo Emerson, pois é oposto à corrente literária da época, o Romantismo, que rejeitava o racionalismo e dava lugar ao sonho. A vida de Ralph Waldo Emerson nem sempre foi fácil, estando a morte sempre muito presente. O pai faleceu quando tinha apenas oito anos, morreram-lhe três irmãos, a primeira mulher morreu com apenas vinte anos, o filho mais velho morreu com cinco anos, aliado ao facto de ter sido criado por uma tia, Mary Moody Emerson, que tinha um fascínio pela morte e da qual lhe falava constantemente, tendo influência no desenvolvimento filosófico do sobrinho. Esta rutura abarca várias vertentes: rutura religiosa (abandona a igreja), rutura literária (abraça a causa transcendentalista), rutura ideológica (segue o racionalismo alemão de Kant) que também vai influenciar a sua obra, nomeadamente com a publicação em 1836 da obra em prosa “Nature”. Da sua vasta bibliografia constam as seguintes obras:

³⁵ Ralph Waldo Emerson, Guide to Resources on Transcendentalism and Emerson, <http://www.transcendentalists.com/lemerson.html>, consultado em 15 de abril de 2010.

1836 – Nature,

1837 - The American Scholar,

1838 - The Divinity School Address,

1841 - Essays: First Series,

1841 - The Transcendentalist,

1841 - Essays: Second Series,

1847 – Poems,

1850 - Representative Men,

1856 - English Traits,

1860 - The Conduct of Life,

1862 – Thoreau,

1867 - May-Day and Other Pieces,

1876 - Selected Poems.

5. Tradução

Cartas enviadas a Emma Lazarus editadas em 1939 por Raph L.Rusk propriedade da Universidade de Columbia.

Prefácio

Os autores das cartas deste volume são praticamente todos figuras conhecidas da literatura, arte, ou do teatro e não necessitam certamente de apresentação formal. A melhor descrição de Emma Lazarus é o breve retrato que a sua irmã Josephine publicou no *The Century* de outubro de 1888 e que re-editou algumas semanas mais tarde no Volume I de *The Poems*. Atualmente, no entanto, há um renascimento do interesse por esta escritora quase esquecida e propomos mais do que um estudo biográfico de certa dimensão.

Nascida em Nova Iorque a 22 de julho de 1849 no seio de uma família judia abastada, tornou-se numa criança sensível e reservada, começando desde muito cedo a viver num mundo de livros. O pai, orgulhoso do seu talento precoce, encorajou as suas aspirações literárias. Aos 14 anos já escrevia versos, e aos 18 já tinha editado um livro. Mais tarde surgiram mais alguns volumes finos (que, tal como os primeiros são mencionados nas cartas) e numerosos contributos em publicações periódicas. Durante anos manteve-se nos modelos e temas literários da época, apesar de haver alturas de desespero, quando examinava cuidadosamente os seus feitos e até Emerson, cujos reparos eram dirigidos com delicadeza elegante, lhe deram motivos para duvidar da qualidade.

Entretanto, em 1882, deu-se uma mudança súbita. Preocupada com a convicção de que a sua carreira literária tinha sido estéril, estava agora pronta para escutar as sugestões dos seus amigos, como por exemplo Stedman, que achava que devia abandonar os temas convencionais antigos e tentar escrever sobre o seu próprio povo. Mas uma poderosa força impulsionadora foi a nova explosão do sentimento antissemita na Europa, que atijou a sua lealdade racial. Anos mais tarde, as suas duas visitas ao estrangeiro (1883 e 1885-1887) levaram-na novamente aos seus interesses iniciais, mas desde 1882 até à sua morte (19 novembro de 1887), ela escreveu

principalmente como laureada dos judeus. Este interesse não era devido, de maneira nenhuma, à religião formal, mas sim devido a importar-se muito com a liberdade e a justiça social. Ela era um Whittier em ponto pequeno com uma causa especial para glosar. E foi esta última fase da sua vida que inspirou Whittier a escrever sobre ela a A.A. Marcus em janeiro de 1884: “Tem razão para estar orgulhoso dela. Canta como Miriam & Débora”.

As cartas que lhe foram dirigidas refletem os seus entusiasmos literários e a sua paixão como propagandista, mas mostram-na (principalmente) como uma cidadã do mundo. É fácil reconhecer nas cartas o seu desejo de reconhecimento e de companheirismo intelectual. Recordamos o comentário sobre ela, que Thomas Wentworth Higginson, reconhecido especialista da literatura feminina, enviou às suas irmãs em 1872. Até agora, disse ele, não tendo ela conhecimento de nenhum autor, é curioso ver como uma pessoa pode ser mentalmente ávida pertencendo à boa sociedade. Stedman pensava nela como sendo a companheira natural de acadêmicos e pensadores.

Os textos aqui apresentados preservam a ortografia original e pontuação sem justificações intercaladas. Lamento não ter sido possível incluir as oito cartas de Henry James para Emma Lazarus, que pertencem à coleção, assim como a de Whittier para Marcus supra citada.

Um reconhecimento especial é devido à Sra. de Humphreys Johnstone, de Veneza, Itália, a doadora destas cartas e aos seus herdeiros ou executores literários que deram autorização para as publicar – à *Ralph Waldo Emerson Memorial Association* pelas cartas de Emerson e à sua mulher e filha, ao Sr. Allerton Cushman II, pela carta de Charlotte Cushman, ao Dr. Hans Lindau pelas cartas de Rudolph Lindau, à Sra. de George M. Gould pelas cartas de Edmund Clarence Stedman, à Sra. Anna George de Mille pelas cartas de Henry George, ao Signor Mario Salvini pelas cartas de Tommaso Salvini, ao Sr. Henry James pela carta de William James, à Sra. Waldo Story pela carta de William Wetmore Story, ao Sr. Philip Gosse pelas cartas de Edmund Gosse, ao Dr. Leonard Huxley pela carta de Henrietta Huxley, à viúva Lady Swaythling pela carta de Albert Edward W. Goldsmid, a Sir Robert Neville Henry Cunliffe pela carta de Eleanor Cunliffe, à Lady Bryce pelas cartas de James Bryce, à Sra. de John William Mackail pelas cartas de Georgiana Burne-Jones, à Sra. Barrett Browning pela carta de Robert Browning, ao Conde de Carlisle pela carta de Maude Stanley, ao Sr. Sydney C. Cockerell pelas cartas de William Morris, ao Sr. James Burnett Lowell pelas cartas de James Russell Lowell, e ao Sr. C. Grant La Farge pela carta de John La Farge. A falecida Dr.^a Clara Barrus autorizou que eu usasse as cartas de John Burroughs. O D. Appleton-Century Company deu autorização para re-

editar alguns excertos que Emma Lazarus publicou no *The Century Illustrated Monthly Magazine*.

Este volume não teria sido possível sem a ajuda do Dr. Nicholas Murray Butler e da Sra. de Alfred Meyer de Nova Iorque. Muito se deve ao pessoal da Biblioteca da Universidade da Columbia e particularmente à Menina Isadore G. Mudge e ao Dr. Charles C. Williamson.

O trabalho de transcrever e traduzir as cartas de Tommaso Salvini teve uma grande ajuda da minha irmã Sra. de John Shapley, de Florença, Itália. Outros, especialmente a minha mulher, que colaboraram com dedicação.

R.L.R.

Nova Iorque, agosto de 1937

Carta de Ralph Waldo Emerson

De Ralph Waldo Emerson

Emma Lazarus tinha conhecido Emerson em casa do seu velho amigo Samuel Gray Ward em Nova Iorque, talvez em dezembro de 1866, mas certamente antes de 24 de fevereiro de 1868. A primeira carta reconhece a oferta de uma cópia do seu *Poems and Translations*, que ainda existe e exhibe a dedicatória que a autora lhe escreveu, com data de 12 de fevereiro de 1868. Este volume, escrito, como o subtítulo indica, entre os catorze e os dezassete anos de idade, granjeou-lhe alguma reputação de prodígio literário. Emerson, sempre pronto a descobrir jovens promessas, foi facilmente convencido a assumir o papel de consultor literário e crítico amigável. Tornou-se ainda mais entusiasta quando leu alguns dos versos que iriam para o segundo volume, *Admetus and Other Poems*, 1871, cuja parte do título da peça lhe foi dedicada. Posteriormente, quando voltou a ler, encontrou razões para duvidar. A correspondência estava praticamente a chegar a um fim com a finalização de *Admetus*. Poucos anos depois, quando *Parnassus* foi publicado sem incluir nenhum poema dela, que outrora Emerson tinha elogiado, Emma Lazarus ficou destroçada e escreveu-lhe a protestar. A amizade terminou depois. Para todos os efeitos deve ter acabado em 1876, com a visita que a última carta desta série propõe - uma visita que rapidamente se tornou uma realidade agradável. Seguiu-se, como epílogo para a sua coleção de cartas (de Emerson), a carta da sua mulher e da sua filha Ellen, escritas em setembro desse ano.

Breves passagens das cartas de 24 de fevereiro e 23 de junho de 1868, foram editadas por Emma Lazarus no *The Century*, de julho de 1882. Um relato mais detalhado pode ser encontrado em *The Letters of Ralph Waldo Emerson*.

Concórdia

24 de fevereiro de 1868

Minha querida Menina Lazarus,

Tenho tão boas recordações da conversa em casa do senhor Ward, que estou contente por tê-las confirmado com a posse do seu livro e carta. Os poemas são de mérito importante, e³⁶ eu observei que a minha pupila ganha em capacidades à medida que os poemas se vão multiplicando, e pode finalmente afirmar com confiança que venceu os obstáculos, que aprendeu as regras, que a partir deste momento tem o³⁷ comando da situação, e agora, cada novo pensamento e nova emoção tornarão as melodias eloquentes para mim próprio e³⁸ para todos os que possuem sensibilidade para os ouvir. Poucos sabem qual o tesouro que esta conquista traz – que independência e nobreza. Desgosto, paixão, desastre, são apenas materiais da Arte, e eu vislumbro a luz sob os pés do Destino³⁹. - Talvez eu goste mais dos poemas em Manuscrito. Alguns poemas do livro são muito juvenis e algumas palavras e algumas rimas não são admissíveis. “Elfrida” e “Bertha” são histórias cuidadosamente terminadas e bem contadas, mas são trágicas e dolorosas, o que eu acho uma pena. - Pode achar um erro, mas eu nunca começaria voluntariamente uma história com um fim triste. A compensação da tragédia deve ser feita com o extraordinário poder do pensamento ou com grandes laivos de poesia. Mas deve desafiar-me imediatamente e enviar-me uma história comovente, tão rica em imaginação, tão nobre de sentimentos que a preferirei a tudo o mais. Estou tão contente que tenha mantido a sua palavra de escrever a um crítico tão velho, que lamento muito o facto de que tenha tido que esperar tanto tempo por uma resposta. Mas eu estava ausente quando o seu livro chegou e só agora o consegui ler.

Com os meus melhores cumprimentos.

R.W. Emerson

³⁶ Preferiu-se colocar na tradução a coordenada copulativa por ser mais adequado enquanto correspondente.

³⁷ “I command the instrument”, na tradução optou-se por uma palavra mais geral, por não ter equivalente direto.

³⁸ Em “every gentle ear”, optou-se por um alongamento para uma melhor explicitação da metáfora.

³⁹ A imagem visual da expressão “I see a light under the feet of Fate Herself” foi mantida no texto de chegada; embora não tão expressiva, manteve-se a metáfora.

Menina Emma Lazarus

— ~ —

Concórdia, 14 de abril de
1868

Minha querida Menina Lazarus,

É muito amável da sua parte escrever-me novamente e é bom ter nestes dias tristes⁴⁰ e frios a companhia das suas cartas na minha velha secretária. Não perderei a fé no regresso da primavera. É muito amável da sua parte arriscar perder o seu tempo com um correspondente tão vagaroso e pouco falador. Mas em poesia há tanto para dizer, que eu não sei por onde começar e desejo mesmo responder-lhe com um tratado de trinta páginas. É meu desejo ser nomeado seu professor e desde já a convido a assistir a todo o semestre. Irei ser bastante severo e exigente, insistirei para que leia e escreva bastante e me forneça pontos de vista convictos. Para um verdadeiro amante de poesia a sua ⁴¹ mente deve estar sempre aberta, e, embora o espírito da poesia seja universal e esteja perto, no entanto o sucesso dos poetas está espalhado por todos os tempos e por todas as nações e somente em passos simples ou simples linhas, ou mesmo palavras; não, o melhor está por vezes nos escritores em prosa. Mas eu não pretendo começar o meu discurso inaugural com esta nota, mas apenas sentar-me e dizer-lhe que acho que vou a Nova Iorque no início da próxima semana e conto que me conceda uma hora da sua gentileza, que consiga esconder a sua impaciência em relação ao seu tutor, não, conto que o inspire dando-lhe conta dos seus resultados.

Assim o espero.

Atentamente, apresento os melhores cumprimentos

R.W. Emerson

⁴⁰ Efetuou-se a substituição do termo “misplaced” por “triste” em vez de “deslocado”; porque apesar do equivalente direto ser mais expressivo semanticamente, em português não se diz “dias deslocados”, quando na verdade quem se sentia “deslocado” era o autor.

⁴¹ A expressão “fly wide for his game” não tem equivalente na língua de chegada, optou-se por uma extensão para explicitação do significado.

Menina Lazarus

— ≈ —

Quinta-feira à noite

23 abril

Minha querida Menina Emma,

Peço desculpa, mas eu e a minha filha vamos ter que perder o passeio no parque que a Emma e a sua irmã tão simpaticamente propuseram. A Ellen, que esteve em Staten Island a visitar a sua amiga D. Minturn, trouxe um pedido tão urgente da D. Frank Shaw, que já tem queixas antigas de mim, para ir ter com ela amanhã, que estou a ver que não consigo marcar mais compromissos amanhã sem ter que desistir do Parque.

Se eu ficar mais tempo, para além de segunda-feira, pedir-lhe-ei para repetir o seu convite.

R.W.Emerson

— ≈ —

domingo

25^w. Rua 37

Minha querida Menina Emma,

O chefe dos correios assegurou-me na sexta-feira de manhã que o meu bilhete que lá deixei chegará à sua porta às 11 horas. Espero que durante o dia ele⁴² lhe leve a tardia explicação e dizer-lhe que devo desistir da visita ao Parque, porque a D. Frank Shaw pediu-me para passar uma noite em Staten Island com a minha filha. Foi de tal forma veemente que não tive como recusar. Lamento saber que a menina e a sua irmã foram uma vez, duas, em vão, à minha porta, na vossa cruzada beneficente. Nem sequer tive a possibilidade de ir hoje a vossa casa para vos dizer isto e para me despedir. Portanto, espero que imagine que eu sou um grande

⁴² Personificação - atribui ao bilhete ações que deveriam ter sido efetuadas pelo autor.

filósofo, perdido nos seus pensamentos, ou então que tenho assuntos de grande importância. Entretanto, lamento o facto de não a ter visto.

Respeitosamente,

R.W. Emerson

Menina Emma Lazarus

— ≈ —

Concórdia

3 de maio de 1868

Minha querida amiga,

Estou encantado com a sua bondade e tento acreditar que ela encobre todas as minhas faltas. Estou muito aborrecido com o facto de a minha visita a Nova Iorque tenha que terminar sem estar mais tempo consigo, a quem, eu tinha prometido ser muito franco e entediante. Mas devemos aceitar o que o todo-poderoso Génio nos permite sem sequer murmurar⁴³. Já é felicidade suficiente ter os olhos abertos para o milagre da Natureza, e os ouvidos para escutar a sua música, à qual chamamos poesia, embora este último seja um termo suficientemente lato que abrange todo o tipo de inspiração, bem como a sucessão rítmica. Mas nós vivemos entre avisos dos Deuses e na maior parte das vezes somos levados e guiados mais por um palpite do que propriamente pelo conhecimento académico ou pela prática. Estes podem tornar-nos pessoas fortes e satisfeitas, mas o outro é a luz do nosso dia, e uma vez tendo-o visto, nunca mais seremos mesquinhos. Diga-me se eu juntei Marcus Antoninus à minha desordenada lista de livros, ou se já o tem na sua mesa? Leia sobre ele o pequeno capítulo de Taine “Nouveaux Essais de critique”. Vai encontrar sem dúvida muita coisa que não lhe interessa, mas algumas das frases de Antonine não podem ser emendadas. E na literatura como na vida, eu acredito que as unidades ou átomos se sobrepõem às massas. E sobre livros, há outro que quando o ler, deve sentar-se por uns momentos e depois escrever um poema, chama-se “Bhagvat Geeta”,

⁴³ Manteve-se o verbo “murmurar” para enfatizar o sentimento transmitido, é mais que reclamar, é aceitar sem se queixar ou lamentar.

mas leia-o na tradução de Charles Wilkins. Não me agradeça por esta lista de livros, no entanto aqui vai outro que li ontem com grande interesse do Sr. J.P. Lesley "Man's Origin and Destiny" que acabou de ser publicado em Filadélfia e teve a atenção de toda a gente. Mas talvez a Emma esteja impaciente com os livros e eu também quero que leia com orgulho e se rodeie dos seus autores favoritos e lhes preste homenagem, para depois me dizer que gosta dos meus.

Com certeza as suas cartas serão bem-vindas, se se atrever a arriscar a receber homilias que lhe enviarei em resposta. R.W. Emerson.

Menina Emma Lazarus

— ~ —

Concórdia

23 de junho de 1868

Minha querida Menina Lazarus,

Peço desculpa por ultimamente ter sido um correspondente tão fraco, e logo consigo a quem eu não queria fazer esperar. Como eu prezo muito as suas cartas, tinha a intenção de responder, porque elas interessam-me. Não faz sentido eu dizer, escreva muito, escreva-lhe eu muito ou não, não faça caso das procrastinações deste velho académico. Não foi razoável sujeitá-la a tamanha ingratidão e, indubitavelmente, iria certamente abalar⁴⁴ uma bondade como a sua. Mas acontece que tenho tido ultimamente mais compromissos do que o costume. Entretanto, soube que o seu pai falou em ir a Newport este verão e então imaginei que a poderia ver lá com a despreocupação que costuma existir nestes locais, o que é bem melhor do que estar a escrever muito. No entanto, também tenho de colocar isto em questão, pois penso que um pouco de escrita traz-me mais informação do que muitas reuniões, mas como assumi fazer sugestões de leitura e a biblioteca não tem fim, parecia que a conseguiríamos ordenar mais rapidamente se tivermos uma conversa. Além disso, prometi à minha amiga D. Sarah Clarke, de Newport, uma visita de alguns dias na segunda semana de julho. Mas se estiver em East Haven devemos, mesmo assim, manter o contacto por correio. Os livros são um terreno

⁴⁴Efetou-se uma substituição cultural do phrasal verb "break down", traduzindo pelo verbo "abalar".

seguro, e um longo caminho, mas apenas introdutório, para aquilo que realmente procuramos que é a comparação de experiências, para saber se dessa forma encontrou aquilo que só eu prezo, ou melhor ainda, se encontrou aquilo que eu nunca encontrei e que continua a ser admirável para mim também. Os livros tiranizam de tal forma sobre a nossa solidão, que gostamos de nos vingar tornando-os secundários e apenas convenientes como sugestões ou assuntos de conversa. Sim, eu defendo que nunca atingimos a melhor forma de os utilizar até os nossos pensamentos atingirem um nível que não nos permita ler mais. Esta minha altivez é rara e devemos agradecer longamente aos nossos silenciosos amigos antes do dia chegar, em que, podemos pô-los sinceramente de lado.

Mas a minha folha de papel chegou ao fim. Sempre com saudações cordiais.

R.W. Emerson

Menina Emma Lazarus

— ≈ —

Boston

6 de julho de 1868

Minha querida menina Lazarus,

Recebi o seu amável convite e o do seu pai e queria considerá-lo como uma prometedora possibilidade, mas tenho a sensação de não poder usufruir dele. Peço que lhe transmita os meus agradecimentos pela cortesia. Estou na cidade a aguardar a chegada da minha mulher que vai a caminho de Newport. Mas a inveterada gravitação de um velho escritor à sua cadeira de escritório levar-me-á, sem dúvida, rapidamente de volta, mesmo das ondas e caras resplandecentes de Newport. Portanto, se tem alguma adivinha para eu ler, ou livros para elogiar, ou poesia para me exaltar, deve prender-me a atenção aqui em Newport, ou fazer-me chegar a Concórdia⁴⁵.

Sempre

⁴⁵Frase fazendo uso de uma figura de estilo: a Ironia.

Seu amigo

R.W.Emerson

Menina Emma Lazarus

— ≈ —

Concórdia, 28 de julho

Foi uma pena não ir a East Haven aquando das minhas viagens e saber mais sobre si do que muita escrita me poderia dizer. Assim fui designado para seu conselheiro fantasma em todas as circunstâncias e pelo menos, assim sempre temos um tema de conversa para as cartas, e nunca o poderia escrever como faço agora, sem estar enganado. Mas esta viagem estava completamente fora dos meus planos e na verdade não estava a pensar nela nessa altura. Mas é claro que pretendo vê-la quando tiver possibilidade, não deverei voltar a Nova Iorque, espero, sem uma conversa profícua. Não leu ainda no livro de Platão de Bohn o diálogo "Theages", em que Sócrates dá a sua teoria do que podemos fazer uns pelos outros no discurso, e quais as condições exigidas? Penso que Sócrates nunca esteve tão fascinante. Eu sou um visitante difícil, nunca vou a lado nenhum para ficar, sem pecar contra a minha previsão e sendo bem castigado por isso. Não devo esquecer que os meus amigos em Newport foram anjos caridosos dos quais quase podemos esperar sempre transformação.

O seu amigo

R.W. Emerson

Menina Emma Lazarus

— ≈ —

Concórdia, 18 de setembro de 1868

Tenho perfeita consciência do valor de ter uma alma sensível com quem falar de vez em quando, à qual eu perco o direito de desafiar e a quem responder, devido às preocupações e aos longos intervalos nas respostas. É verdade, que como os outros anciãos, tenho contacto com muitas pessoas, e, por uma razão ou outra, tenho muito mais escrita a fazer do que o que pretendia. Mas como a Emma é jovem e não tem dificuldade em escrever e segurar uma

caneta⁴⁶, deve escrever longas cartas e eu as notas. Estive em Nova Iorque na semana passada para visitar o meu irmão que estava muito doente - eu não sabia quanto tempo iria ficar - até imaginei que a sua família poderia estar a regressar de lá - e assim eu tinha-a visto. Mas eu tive uma triste surpresa, o estado do meu irmão mudou repentinamente e ele faleceu e no dia seguinte eu e os meus sobrinhos trouxemos o seu corpo para casa para a nossa cidade.

Obrigada pelo bilhete que me enviou da sua casa de campo e o seu elogio ao outono. Para um poeta cada mês e cada dia são os melhores do ano, e embora a atividade e o uso sejam menores, não acho que a sensibilidade em relação à natureza diminua com a idade. Mas ficarei contente por ler em verso ou em prosa os novos pensamentos que ela lhe traz. Mas eu estava apenas a escrever-lhe agora que recebi a sua carta.

Com respeitosos cumprimentos ao seu pai e à sua irmã. O seu

R.W.Emerson

Menina Emma Lazarus

—— ≈ ——

Concórdia

28 outubro

Eu tenho nobres amigos – enviam-me poesia de elevada qualidade - imagens de deuses heróis e mulheres cuja coragem é enaltecida. Eu leio devagar e reconhecidamente, um pouco de cada vez, (porque nesta altura sou prisioneiro das minhas tarefas) e quando terminar a leitura do poema na totalidade, transmitir-lhe-ei o meu parecer. R.W.E

—— ≈ ——

Concórdia

19 de novembro de 1868

⁴⁶ Optou-se por uma extensão, para uma melhor explicitação da ideia.

Minha querida amiga,

Estou a escrever, imediatamente após ter terminado a minha primeira leitura do "Admetus", para lhe dizer, Bravo! A Emma escreveu um nobre poema, para o qual eu não tenho elogios suficientes. Até agora tem-se conseguido esconder de mim, pois o mérito dos poemas anteriores não fazia prever esta riqueza e esta enorme capacidade poética. Não deixarei de criticar, a não ser para dizer que é muito bom que o leitor se sinta *detido* por discursos que tenham um verso a mais. E a única sugestão que me atrevo a fazer é que deve ter em atenção o tom do Humanismo teutónico do Ato III, cena 1 da "Measure for Measure", como única correção da sua preferência clássica. Penso que devolvarei amanhã pelo correio esta preciosidade, confiante de que o eterno Apolo e os destinos calmos a guardem até chegar a si.

R.W.Emerson

Menina Emma Lazarus

— ~ —

Búfalo

20 de janeiro de 1869

Minha querida amiga,

Tenho o seu último bilhete, como já tinha o primeiro, ambos sem resposta, acusando assim a minha incapacidade - e se fosse só nisto - tenho demasiados compromissos. Obrigado pela sua proposta hospitaleira - mas eu sou o pior dos hóspedes e ou não vou ou raramente apareço. No entanto escrevo-lhe agora para a informar que pretendo estar em Nova Iorque nesta instância no dia 23, por um dia ou dois, e conto vê-la, portanto, para a semana não vá para Washington ou para Roma.

O novo poema que era para vir, nunca me chegou às mãos e a única situação que me resta é fazer-lhe um interrogatório. Eu apenas lhe posso dar um único conselho que é o de continuar a insistir, nomeadamente, naquele pensamento que a pode levar ao velho mundo da Memória, o elevado sucesso deve surgir daí, mostrando assim o elemento celestial no Presente desprezado e detetar a divindade que ainda a desafia disfarçada sob todas as máscaras grosseiras e vulgares.

R.W. Emerson

Menina Emma Lazarus

— ≈ —

Concórdia

14 de março de 1869

Minha querida amiga,

Eu tenho os novos originais em segurança e a “Masque” também, fiquei sensibilizado com a enorme confiança que depositou em mim; no entanto, neste momento eles permanecem intocados e uma vez que não tivemos mais contacto desde a última vez que a vi. Espero que a sua paciência continue a ser perfeita, pois as minhas preocupações ainda não terminaram, apesar de esta semana terminar com algumas delas. Não vou aborrecê-la com os pormenores, estou apenas a escrever para lhe garantir a segurança dos manuscritos e a boa vontade deste seu amigo. R.W. Emerson

Menina Emma Lazarus

— ≈ —

Concórdia

26 de abril de 1869

Minha querida menina Lazarus,

Tenho aguardado, durante estas semanas, por uma carta sua renunciando e denunciando-me como pessoa incapaz de qualquer tipo de amizade, um contumaz, e, em suma, alguém a quem se empresta preciosos manuscritos que depois não publica, não os valida nem presta contas deles. Não tendo recebido tal carta, a sua paciência e magnanimidade aumentam cada dia que passa, para meu espanto e finalmente para minha reprimenda. E embora não esteja preparado para lhe enviar o meu relatório final dos deveres de que fui incumbido, asseguro-lhe no entanto, que ambos os Manuscritos estão a salvo e de maneira nenhuma estão esquecidos. Acontece que este inverno e primavera aceitei um conjunto de tarefas públicas e privadas mais

numerosas e mais exigentes em termos de tempo do que em qualquer outra época de que me lembre, de modo que fui forçado a adiar toda a correspondência e todas as leituras de caráter não imperativo. Ainda não me consegui libertar destes compromissos, mas tenho esperança de lhes conseguir escapar.

Eu penso que não deva começar agora a analisar os poemas - como pretendia fazê-lo ao virar a página - mas só pedir licença, como as comissões fazem, por um longo dia que vai chegar brevemente.

Sempre seu amigo

R.W. Emerson

Menina Emma Lazarus

— ≈ —

Concórdia

7 de junho

Minha querida amiga,

Pois bem, o "Heroes" é bom de escrever e de ler. Levei-o comigo para cima e li-o à minha mulher e à minha filha Ellen que acabou de regressar do Fayal. A Ellen comentou "eu não sou entendida em poesia, mas acho as palavras verdadeiras e é a primeira vez que são ditas na América, vou enviá-lo para acalmar os pobres Will e Charles", isto é Tenente Coronel W.H. Forbes e Capitão Charles Emerson, ambos pessoas que ela tem em elevada estima. O tom e sentimentos do poema são nobres e a voz vacila na sua leitura em voz alta. No entanto, o Sr. Lowell tem razão, se por dureza da crítica a levar a um severo corte nos seus versos e, principalmente, a um ouvido mais severo. Este poema está tão isento de falhas que, no entanto, pode perfeitamente colocar a décima estrofe na panela de pressão novamente e salvar a estrofe que é essencial, emendando a sua melodia. Já alguma vez leu uma tal palavra como "gainst" em Tennyson? Aqui, nesta estrofe ocorre duas vezes: depois "intenso" é uma palavra perigosa que evitamos na conversação devido ao seu prosaísmo - mas que é desculpável: mas o verso falha por ausência de toda a força e melodia no último verso. Deve mudar isso e a rima

correspondente. Tendo começado desta forma dura, há esperança que eu possa chegar ao antigo e mais perentório dever de lhe devolver o "Admetus" e a "Masque" com comentários?

Sempre seu,

R.W.Emerson

Menina Emma Lazarus

Para explicar, atrevo-me a esboçar o que penso que é necessário para o acento rítmico, embora não tenha neste momento tempo ou facilidade para tentar um verso novo.

The selfsame man, with like audacious port,
And with as stout endurance struggle on, -
As sturdy and as valiant in the street
As faced the blazing fort⁴⁷

— ≈ —

Concórdia

9 de julho de 1869

Minha querida menina Lazarus,

Eu deveria há muito tempo ter tomado uma decisão se iria efetuar a minha crítica literária aos seus poemas, como inicialmente não tinha duvidado, ou se os devolvia ficando assim o compromisso consigo. Mas eu continuava a acreditar que as minhas preocupações eram temporárias e que a liberdade voltaria em breve - o que não aconteceu. Eu nunca tinha tido tantas tarefas como nos últimos doze meses, e neste momento algumas resoluções em Cambridge atrapalharam-me mais do que nunca com compromissos que tiveram que ser

⁴⁷ Os mesmos homens, com o audacioso e semelhante porte;
Com coragem e resistência lutaram;
Tão robustos e tão valentes na rua;
A enfrentar o ardente forte.

resolvidos num curto espaço de tempo⁴⁸, e estes, juntando aos antigos, empurraram as minhas atividades de lazer para bem longe, para praticamente fora do meu alcance. Em relação ao "Admetus" tinha a intenção plena de usar o seu consentimento e levá-lo ao Sr. Fields para o "Atlantic". Mas ao relê-lo com atenção, achei aquilo que tanto me impressionou na primeira leitura e que ainda me encanta e que foi a maneira digna e o sofrimento da história como a conta. Mas a execução dos detalhes não iguala o seu mérito ou a sua precisão. A Emma permitiu versos e palavras de fraca qualidade. Deste modo escreveu palavras que nunca disse. Por exemplo, usou as palavras "smileless"⁴⁹ duas vezes num intervalo curto de texto. Deve eliminar todos os versos e palavras que puder poupar para assim lhe adicionar força, eu tive o poema em minha posse por tanto tempo, que acho que o esqueceu bastante e que assim vai lê-lo com um novo olhar. O diálogo de Hyperion e de Destinos não está suficientemente bom. Corte tudo que não lhe agrade ao mínimo possível. Eu assinalei algumas palavras descuidadas. "Doubt" não é "ravage" nem "revenged".

Mas eu odeio selecionar e avaliar, e quero apenas insistir que, depois de ler Shakespeare por quinze minutos, deve ler uma página ou duas deste Manuscrito⁵⁰ e avaliar o que pode poupar.

Penso que, de momento, não seria justo para consigo mesma mostrá-lo ao Atlantic sem antes efetuar uma revisão cuidada.

Para a "Masque", eu tinha-o em mente quando inicialmente o trouxe para casa para indicar alguns extratos principais da poesia pastoral de Ben Jonson, para lhe mostrar que realismo aqueles cérebros ingleses atingiam quando contemplavam flores e faisões.

Penso que o melhor poema pastoral de Shakespeare é "Winter's Tale". Vai pensar que é comum dizer estes provérbios. Quem poderia não conjurar com o nome de Shakespeare?

E agora que posso derramar o meu veneno de uma só vez, acrescento que recebi o poema sobre Thoreau, mas de modo algum penso que lhe tenha custado um dia ou uma noite de trabalho. Mas o poema "Heroes" mantém todo o seu valor.

⁴⁸ Explicitação do termo "time-taking".

⁴⁹ Extensão de uma palavra no original para duas palavras na língua de chegada por não haver equivalente direto.

⁵⁰ Ms (manuscrito).

Em geral, neste meu cinismo e com a sua sugestão, decidi juntar os dois manuscritos e enviá-los por correio hoje, não sem ter a esperança de que possa ter uma oportunidade de falar consigo sobre eles quando perdoar o meu humor cáustico. O seu amigo,

R.W.Emerson

— ≈ —

Concórdia, 23 de agosto de 1869

Minha querida Menina Lazarus,

Eu tenho apenas uma objeção séria à sua amável proposta de me agradecer com a dedicatória do poema, e que é o facto de eu querer elogiar o poema a todos os bons leitores que conheço; mas se por um lado estou honrado com a dedicatória, por outro, a minha boca está fechada. Não é uma pena que eu não viva mais perto de Nova Iorque, iria gostar tanto de fazer de tutor de retórica e elogiar um pouco os bons versos e empalar os maus, e colocar palavras ofensivas e sílabas à margem nos seus versos. Mas a Emma vai imprimir o "Admetus" e presumo que o vá fazer sozinha. Ultimamente eu não disse uma palavra sobre o "Atlantic", porque o Fields foi para a Europa enquanto eu preparava as minhas tesouras e a minha lixa e deixou o Howels responsável, que eu mal conheço. No entanto, se desejar imprimi-lo no "Atlantic", levarei o poema até lá: neste caso, claro, sem a dedicatória.

O seu amigo,

R.W.Emerson

Menina Lazarus

— ≈ —

Concórdia, 6 de out. de 1869

Minha querida Menina Lazarus,

O Sr. Howels declina imprimir o poema, deixando-nos apenas a dúvida se é ele ou nós que estamos errados. Eu deveria estar feliz e orgulhoso por o imprimir. Devemos acreditar que o seu portefólio do Atlantic é muito rico em poesia nestes meses e, eu aceitá-lo-ia de bom grado

se Esparta tivesse filhas mais merecedoras. Estou incapaz de descobrir a imitação de Tennyson e Morris que o editor vê no seu poema. Fiquei contente que tenha tido a coragem e a diligência de condensar a peça e agora que o nosso Aristarchus a acha muito expansiva, ainda mais. Uma das coisas que devo à Índia é o provérbio dos Púnditas “que um autor rejubila tanto quando economiza em metade uma vogal curta como no nascimento de um filho”. Também se pode dar ao luxo de receber de volta a história, mas quando é que o Atlantic me dará outra tão nobre?

Se eu nunca escrevo, tenha pena de mim enquanto um trabalhador ansioso.

R.W. Emerson

Miss Emma Lazarus

— ≈ —

Serão de quarta-feira

6 de out.

Para ver como a idade me está a afetar, deixei a carta que agora remeto fora do envelope este P.S.⁵¹, embora eu escrevesse só com esse propósito.

O poema “Admetus” chegará tão depressa quanto eu consiga chegar ao posto dos correios para ter um envelope adequado.

— ≈ —

Concórdia

30 de dezembro de 1869

Cara Menina Lazarus,

⁵¹ P.S. post Scriptum.

Estou contente por saber de si novamente e tão boas notícias que a musa é propícia e abundante na sua dádiva. Eu gostaria de merecer a sua oferta de me deixar ler o que lhe aprouver. Mas ainda sou, no momento, um homem "proibido", talvez mais egoísta e desamparado do que nunca - esforçando-me de há muitas semanas a esta parte e também nas próximas, por imprimir um livro que para cada capítulo requer mais habilidade para o terminar do que aquela que eu consigo controlar. Também não antevejo qualquer início de atividade de lazer, bem como as "Palestras Universitárias", nas quais eu tenho um papel preponderante e que estão impiedosamente a aguardar o meu primeiro momento de liberdade. Por isso pense neste seu amigo tão carinhosamente quanto puder. Enquanto isso, peço-lhe, não perca um bom verso que o Norte ou a Manhã lhe ofereçam e não poupe um verso fraco.

Com os melhores cumprimentos

Sempre seu,

R.W.Emerson

Menina Emma Lazarus

— ≈ —

Concórdia, 23 de abril de

1870

Cara Menina Lazarus,

Vou devolver-lhe o Orpheus com grande humilhação. Eu já tinha informado antecipadamente que não era possível confiar-me trabalhos de leitura durante alguns meses, e acabei por verificar que o meu cativo é bem pior do que eu tinha imaginado, nem lhe consigo escapar por seis semanas, no entanto li algumas páginas do seu manuscrito e tenho muita coisa para lhe dizer, vejo, sobre poesia. Eu não gosto de esperar muito para o dizer mas atrevo-me a não começar esta noite. Recebi também a sua avaliação excessiva do livrinho "Society & C" que iria corar se não fosse ele já tão vermelho. Continue a estimar e a perdoar as minhas muitas falhas.

Sempre seu amigo,

R.W.Emerson

Menina Emma Lazarus

— ~ —

Concórdia, 19 de agosto de 1870

Minha querida amiga,

Não tenho sabido como lhe escrever desde que recebi o seu doloroso bilhete. Eu já tinha visto o boletim nos jornais sem suspeita de que tinha atingido um amigo meu. A Emma sabe como o olhar tem tendência para se precipitar sobre estes registos de ultraje que não conseguimos impedir ou de alguma forma reparar. A sua carta foi uma terrível surpresa, penso com muita tristeza na desolação que este choque deve ter trazido ao seu pacífico lar e a si própria. Posso perfeitamente perceber que este horrível incidente não será esquecido, escondido ou velado tão cedo. Irá forçar a seriedade e a procura de introspeção no dia-a-dia que pode esconder tais sombrias circunstâncias na corrente da vida que fluía tão suavemente. Dificilmente se pode ajudar dando a nossa versão de um terror que atroa desta maneira. A vida é séria: Só princípios - nada menos que relações feitas no Céu conseguem manter a serenidade no meio destes horrores. Eu sei como nós odiamos e fugimos do desânimo. Parece que conduz *do* em vez de *para* o pensamento, e assim desperdiça a Alma. Mas o doloroso período também faz parte do Universo, e, se pacientemente cuidado, crescerá transparente no presente, e as suas notícias serão boas por fim.

Mas eu não deveria adicionar palavras. Na presença de eventos desanimadores devemos ser o mais tranquilos e sensatos possível e esperar a volta da Alma Divina que não nos esquece nestas condições extremas. Talvez os melhores factos da História sejam os triunfos da vontade de quem sofre em condições atrozes. Na minha infância, os meus ouvidos foram invadidos com tais exemplos pela minha guardiã: a minha tia; mas na minha vida estagnada só houve imagens. Talvez cada um de nós tenha que passar em alguma altura por esta experiência. Ficarei contente por ter notícias suas quando estiver em liberdade para escrever. Entretanto, imploro-lhe que ofereça os meus cumprimentos aos seus pais e às suas irmãs.

O seu amigo,

R.W.Emerson

Menina Emma Lazarus

— ≈ —

Concórdia

27 de janeiro de 1871

Minha querida amiga,

Estou muito satisfeito com a sua amável e honrada proposta para não colocar qualquer objeção, já que a mantém tão firmemente. Não será, receio, adicionado qualquer favor ao poema fora de um círculo restrito, e eu penso que o poema tem uma tal elevação de caráter e sentimentos, que o recomendarei a bons leitores, apesar do meu elogio. Estou muito contente que apareça de uma forma independente e não falharei em chamar a atenção de muitas pessoas para ele, as quais eu ache leitores desejáveis e adequados. Peço que me perdoe pela minha lenta resposta ao seu bilhete, pois estava ausente de casa quando o seu bilhete chegou, e encontrei deveres imperativos que me aguardavam logo que chegasse, e que no entanto, ainda não resolvi pela metade. Ainda aguardo por dias de liberdade para me corresponder e mesmo para conversar com os meus amigos. Portanto, não renuncie a mim. Com os melhores cumprimentos,

R.W.Emerson

Menina Emma Lazarus.

— ≈ —

Concórdia

22 de julho

Minha querida Menina Lazarus,

Envio-lhe os meus calorosos agradecimentos pela sua amável carta e convite: - mas um homem velho teme sobretudo os seus melhores amigos. Não é a eles que quer preocupar com o seu esquecimento constante da palavra certa para o nome do livro, ou facto ou pessoa que está ansioso por recordar, mas os quais se recusam a vir à mente. Eu cresci fechado no meu mundo

silencioso na minha própria casa sob este aborrecimento e não causo dor aos caros amigos com a minha língua atada⁵². Felizmente este embargo não atinge os olhos, e eu leio com prazer total. A minha filha Ellen agradece-lhe o gentil convite mas está confinada em casa nos próximos meses. Mas a melhor forma de nos ajudar é fazer-nos uma visita a Concórdia, penso que nunca estive em Massachusetts, e passar uma semana connosco e assim corrigir a nossa parolice. A minha mulher junta-se-me calorosamente neste convite. Agora, tratando de pormenores práticos, soube pela Ellen que estou intimado⁵³ a ir para a casa da minha filha Edith Forbes na ilha Naushon, na segunda semana de agosto, onde reclamam a nossa presença por um período de dez dias, não conheço mais nenhum impedimento, e na quarta semana de agosto pode tentar persuadir Newport⁵⁴ a poupá-la. Com os meus melhores cumprimentos para o seu pai e a sua família.

O seu amigo,

R.W.Emerson

Menina Emma Lazarus

⁵² Emerson refere-se à sua doença, que o faz perder a memória e causa dificuldade em falar.

⁵³ “bound with cords”, dado não haver equivalente direto traduziu-se por um termo mais geral.

⁵⁴ Emerson usa a personificação pois atribuiu à cidade de Newport características humanas.

6. Reflexão sobre a tradução

A epistolografia traduzida neste trabalho é constituída por um conjunto de cartas enviadas por Ralph Waldo Emerson, poeta, ensaísta, filósofo norte-americano, à também poeta norte-americana Emma Lazarus, com quem se correspondeu durante alguns anos.

Ao tradutor cabe a tarefa de interpretar e solucionar os problemas que cada carta encerra no seu conteúdo, que assuntos colocam em evidência; o que se pode aferir quanto ao tipo de relação existente entre os correspondentes; o assunto é do âmbito público ou privado; que práticas sociais estão subjacentes; que relações se constroem. Assim, o tradutor serve de mensageiro da palavra para os leitores da língua de chegada, efetuando uma interpretação hermenêutica do significado e do sentido da mensagem. Foi necessário interpretar que mensagem o autor quis passar, de que forma a passou e os sentimentos que causou no tradutor ao recebê-la, foi necessário efetuar-se um distanciamento do texto para não ser afetado pelas questões emocionais que as cartas transmitiam, pois o emissor da mensagem é do sexo masculino, o receptor é do sexo feminino e o tradutor sendo do sexo feminino, e contendo as cartas um tom sarcástico, mordaz e complacente poderiam conduzir de alguma forma à solidarização feminina.

Este relatos epistolográficos constituíram um desafio à capacidade tradutiva, pois o seu conteúdo está envolvido numa dualidade de critérios porque versa correspondência pessoal de um escritor, contendo dados biográficos envolvendo uma componente de caráter subjetivo e confessional eminentemente privada “Memorialismo - Conceito que abarca as características dos relatos autobiográficos, que se manifestam em diversos géneros literários (autobiografia, diário, correspondência, literatura de viagens, poesia lírica) e cujas marcas principais são a subjetividade e o confessionalismo, real ou fictício”⁵⁵ contém uma componente de crítica

⁵⁵Memorialismo, Infopédia, [em linha], [http://www.infopedia.pt/\\$memorialismo](http://www.infopedia.pt/$memorialismo), consultado em 10 de janeiro de 2010.

literária e informação bibliográfica que abrange o domínio literário e portanto de um domínio mais público, evidenciando assim a prática social inerente às cartas que é o seu papel comunicativo e que terá que ser considerado, “He is to consider, at the same time, the thought of the autor, and his words, and to find out the counterpart to each in another language, and beside this he is to confine himself to the compass of numbers and the slavery of rhyme”⁵⁶ (Schulte, Biguenet, 1992: 18).

Nesta tradução foram aferidos determinados problemas e situações os quais foram solucionadas com recurso às metodologias e estratégias existentes e que passam a ser descritas seguidamente.

Numa tradução há que ter em contas variadíssimos fatores nomeadamente o contexto, o objetivo da tradução e a quem se destina, ou seja, qual o público-alvo. Um dos problemas que pode surgir numa tradução é a questão de não haver equivalente na língua de chegada “What does a translator do when there is no word in the target language which expresses the same meaning as the source language word?”⁵⁷ (Baker, 1992: 10).

Na primeira carta datada de 24 de fevereiro de 1868, a expressão “I command the instrument”, optou-se por traduzir por uma expressão mais geral por não ter equivalente direto. Esta é uma das estratégias utilizadas para solucionar os problemas da não equivalência, dado que o conceito é conhecido mas não tem equivalente direto na língua de chegada.

A escolha de determinados vocábulos reflete a preocupação de imitação do século XIX; como exemplo, citemos a saudação “My dear Miss Lazarus”, cuja opção tradutiva foi “Minha querida Menina Lazarus”, gramaticalmente a primeira palavra da saudação “My” trata-se de um determinante possessivo, que indica sentimento de posse por parte do escritor mas também indica uma forma carinhosa de tratamento.

A opção tradutiva para a palavra “dear” foi “querida” em vez de “cara” pelo facto de “cara” ser mais formal e menos carinhoso e dado que havia uma diferença de idades acentuada entre

⁵⁶John Dryden, “On Translation”, *Theories of Translation: An Anthology of Essays from Dryden to Derrida*, ed. by Rainer Schulte and John Biguenet, Chicago, The University of Chicago Press, 1992.

⁵⁷ Baker, Mona, *In Other Words a Coursebook on Translation*, London, Routledge, 1992.

ambos: Ralph Waldo Emerson era bastante mais velho do que Emma Lazarus, tomando assim a frase um tom mais paternal.

O epíteto Miss/"Menina" obedece a uma convenção social que consiste em tratar uma mulher solteira por "Miss"/"Menina" e uma mulher casada por "Mrs"/"Senhora", Emma Lazarus era uma mulher jovem e solteira, por isso era tratada por "Miss". O facto de tratar a sua correspondente pelo apelido e não pelo nome próprio é um costume americano diferente do europeu.

Também nesta tradução foram encontradas situações referentes a Phrasal Verbs que foi necessário solucionar; tomemos como exemplo a carta de 23 junho 1868 onde a expressão "(...) would break down (...)" é traduzida pelo verbo "abalar", usando assim a estratégia de tradução por substituição cultural de Mona Baker. "This strategy involves replacing a culture-specific item or expression with a target-language item which does not have the same propositional meaning but is likely to have a similar impact on the target reader"⁵⁸ (Baker, 1992: 31), tendo em atenção o objetivo da tradução e as normas do país da língua de chegada.

A linguagem apresenta-se com bastantes diferenças a nível lexical, o estilo rebuscado, "But you shall instantly defy me, & send me a heartbreaking tale, so rich in fancy, so noble in sentiment that I shall prefer it to all the prosperities of time". Nos sinais de pontuação é frequentemente usado o travessão; este sinal é utilizado para indicar a introdução do discurso direto e efetuar a separação entre o discurso direto e o discurso indireto "– Perhaps I like best the poems..." (carta de 24 de fevereiro 1868), e também é usado para destacar ou explicar algo "... I went to New York in the last week to visit my brother who was very ill – I did not know how long I might stay, –" (carta de 18 de setembro 1868). Também essa característica foi mantida. Por norma o ponto é usado no final de cada frase para indicar que o sentido desta está completo. Nesta obra existem algumas situações com frases curtas, sucintas, terminando rapidamente um raciocínio e iniciando na oração seguinte um novo raciocínio "I shall not lose my faith in the return of spring." (carta de 14 abril 1868), mas na maioria das cartas as frases são longas contendo por vezes três linhas ou mais, podendo dificultar a compreensão e o tom das mesmas; no entanto foi mantida a pontuação.

⁵⁸ Baker, Mona, *In Other Words a Coursebook on Translation*, London, Routledge, 1992.

Excetuando as cartas de, respetivamente, 23 abril 1868, 28 outubro 1868 e a segunda carta de 6 outubro 1869, todas terminam, após a assinatura, com a frase Miss Emma Lazarus. Esta forma de fecho não é usual dado que por norma uma carta terminaria com os cumprimentos seguidos da assinatura; no entanto, pensamos que esta frase se deve à deferência e à reverência de Ralph Waldo Emerson por Emma Lazarus pelo facto de em primeira instância se estar a dirigir a uma mulher bastante mais nova e também por já ser considerada um prodígio literário evidenciando uma forma de cortesia e educação elevadas.

6.1. Trabalho futuro

Dado que o livro que deu origem a esta tradução possui ainda um conjunto de cartas enviadas a Emma Lazarus por várias figuras proeminentes do século, nomeadamente John Burroughs, Ivan Tourgeneff, Edmund Clarence Stedman, entre outros, deixa em aberto a possibilidade de serem efetuados futuros trabalhos de tradução que seriam uma mais-valia permitindo dar a conhecer estas personalidades, os seus países, dado que algumas são de nacionalidades diferentes, os seus modos de vida, de pensamento, permitido efetuar assim todo um contexto histórico, social, cultural e biográfico dos diversos autores das cartas.

6.2. Conclusão

O trabalho aqui descrito proporcionou-me vários motivos de satisfação: abriu-me novos horizontes para a questão dos estudos da tradução, para as diferenças e barreiras culturais, para a transposição semântica, não só de uma língua para outra, mas também de dois espaços temporais distintos e distantes. Ajudou-me a perceber qual o papel da tradução e do tradutor na sociedade contemporânea, as ferramentas que tem ao seu dispor dado o advento das novas tecnologias e de que forma essas tecnologias vieram transformar o mundo da tradução, em particular, e o mundo em geral, tornando-o num mundo globalizado. No entanto, e apesar de já existirem complexas ferramentas tecnológicas de apoio à tradução, em casos particulares como este trabalho em que há uma forte componente subjetiva, confessional e também cultural, a tradução tem que possuir uma forte componente sentimentalista, para assim refletir no final a mesma intenção discursiva do texto de partida. A nível pessoal, permitiu-me melhorar as capacidades de estruturação de ideias, de reflexão e de argumentação.

Chegados ao final deste trabalho espera-se ter-se conseguido demonstrar como é que um tradutor completa a tarefa de realizar um trabalho de tradução de uma obra escrita há dois

séculos para este século. Essa tarefa é efetuada através da contextualização histórico sociocultural da tradução "(...) How does one approximate as closely as possible the original words and ideas of the culture being studied in the translation? Glossing and contextualizing is one of the methods (...)”⁵⁹ (Rubel, Rosman, 2003: 4) tendo em linha de conta o necessário respeito e conhecimento das diferenças culturais "(...) In its broadest sense, translation means cross-cultural understanding(...)"⁶⁰ (Rubel, Rosman, 2003: 1), pensámos em que dificuldades encontrámos e que estratégias utilizámos para melhor estabelecer uma comunicação linguística e assim efetuar uma melhor tradução. As barreiras culturais e linguísticas vão sempre existir, como exemplo apontemos o caso do Português de Portugal e o Português do Brasil, onde apesar de dois povos falarem a mesma língua há imensas diferenças culturais e linguísticas dificultando a comunicação; se transpusermos esta questão para duas línguas diferentes, então as barreiras e os problemas acentuam-se consideravelmente.

No entanto, a informação tem que ser veiculada e apesar de vivermos na era da Globalização, com a conseqüente ajuda dos sistemas de informação e das tecnologias de informação e comunicação, a linguagem continua a não ser universal. Continuamos a necessitar de encontrar um elo comum que una as comunidades e as línguas para ser possível o ato da comunicação, e a única forma de o fazer inter-linguisticamente é através da tradução. Note-se, por exemplo, o caso da União Europeia, onde neste momento coexistem 27 países que necessitam comunicar entre si, mesmo existindo uma língua maioritariamente falada por todos, que é a língua inglesa.

Se no início começamos este trabalho com a frase "No passado está a história do futuro", então, chegados ao fim, terminamos com a frase "O futuro é hoje", podendo, assim, afirmar que o futuro está na tradução; não só da tradução de cartas, mas da tradução em geral, pois é uma forma de espalhar a cultura, a informação e as tornar acessíveis a outros povos e culturas, valorizando também desta forma a profissão de tradutor e o seu trabalho. Como dizia Mahatma Gandhi, "A vida só pode ser compreendida, olhando-se para trás; mas só pode ser vivida, olhando-se para frente".

⁵⁹ Rubel, Paula G., Rosman, Abraham, "Introduction: Translation and Anthropology" *Translating Cultures, Perspectives on Translation and Anthropology*, ed. by Paula G. Rubel and Abraham Rosman, Oxford and New York, Berg, 2003.

⁶⁰ *Ibid.*, pp.1

Bibliografia e webgrafia

Anacleto-Matias, Helena, *Emma Lazarus Vida e Obra*, Penafiel, Edições Cão Menor, 2008.

Austermuhl, Frank, *Electronic Tools for Translators*, Manchester, St. Jerome Publishing, 2001.

Bassnett, Susan, *Estudos de Tradução*, trad. Viviana de Campos Figueiredo, Lisboa, ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

Baker, Mona, *In Other Words a Coursebook on Translation*, London, Routledge, 1992.

Browning, Elizabeth Barret, *Sonnets from the Portuguese and Other Poems*, New York, Dover Publications, Inc., 1992.

Cronin, Michael, *Across the Lines Travel Language Translation*, Cork, Cork University Press, 2000.

Cultural Translation in Early Modern Europe, ed.by Peter Burke and R. Po-chia Hsia, New York, Cambridge University Press, 2007.

Dickinson, Emily, *Selected Poems*, New York, Dover Publications, Inc., 1990.

Gentzler, Edwin, *Contemporary Translation Theories*, Clevedon, Multilingual Matters, 2001.

Hatim, Basil, Munday, Jeremy, *Translation: An advanced resource book*, Oxon, Routledge, 2004.

Lima, Conceição, *Manual da Teoria da Tradução*, Lisboa, Edições Colibri, 2010.

Liu, Lydia H., *Translingual Practice: Literature, National Culture and Translated Modernity - China 1900-1937*, Stanford, Stanford University Press, 1995.

Livro Verde para a Sociedade de Informação em Portugal, Missão para a Sociedade de Informação, Lisboa, 1997.

Mattelart, Armand e Michèle, *História das Teorias da Comunicação*, Porto, Campos das Letras-Editores, S.A., 1997.

Munday, Jeremy, *Introducing Translation Studies Theories and Applications*, New York, Routledge, 2001.

Obras de Eça de Queiroz, *Cartas e Outros Escritos*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, 2001.

Ramos, Rui, "Culturas de alfabetização e culturas de analfabetismo em Portugal: uma introdução à História da Alfabetização no Portugal contemporâneo", *Análise Social*, vol. 24, 1988, pp. 103-104.

Rebelo, António Manuel Ribeiro, "Tipologia da epistolografia ciceroniana", *Boletim de Estudos Clássicos*, nº 37, 2002, pp.33-36.

Rodrigues, Adriano Duarte, *As Técnicas da Comunicação e da Informação*, Lisboa, Editorial Presença, 1999.

Rusk, Ralph L., *Letters to Emma Lazarus in the Columbia University Library*, New York, Columbia University Press, 1939.

Silva, Marisa Torres da, "As cartas dos leitores no *Público* e no *Diário de Notícias*", *Observatorio (OBS*) Journal*, 5, 2008, pp.263-279.

Steiner, George, *After Babel Aspects of Language & Translation*, 3rd ed., Oxford, Oxford University Press, 1998.

Theories of Translation: An Anthology of Essays from Dryden to Derrida, ed. by Rainer Schulte and John Biguenet, Chicago, The University of Chicago Press, 1992.

Translating Cultures, Perspectives on Translation and Anthropology, ed. by Paula G. Rubel and Abraham Rosman, Oxford and New York, Berg, 2003.

Venuti, Lawrence, *The Translation Studies Reader*, London, Routledge, 2000.

Venuti, Lawrence, *The Translator's Invisibility A History of Translation*, London, Routledge, 1995.

Vilela, Mário, *Tradução e Análise Contrastiva: Teoria e Aplicação*, Lisboa, Editorial Caminho, 1994.

Xavier, Hugo Freitas, "Notas sobre a Tradução Literária em Portugal sua Evolução e Quadro Actual", *Babilónia, Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução*, nº 004, 2006, pp.85-90.

Webgrafia:

Antropologia, Infopédia, [em linha], <http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/Antropologia>, consultado em 10 de julho de 2010.

Ceia, Carlos, Epístola, E-Dicionário de Termos Literários, coord. de Carlos Ceia, 2005, <http://www.fcsh.unl.pt/invest/edtl/verbetes/E/epistola.htm>, consultado em 14 de setembro de 2010.

Dias, João Roque, [em linha], <http://www.jrdias.com/>, consultado em 20 de março de 2010.

Epistolografia, Infopédia [Em linha], [http://www.infopedia.pt/\\$epistolografia](http://www.infopedia.pt/$epistolografia), consultado em 28 de agosto de 2010.

Emma Lazarus, *The Century Illustrated Monthly Magazine*,
<http://www.endex.com/gf/buildings/liberty/.%5Clibertyfacts%5CEmmaLazarus%5Cemma.htm>,
consultado em 10 de janeiro 2001.

Escrita, Infopédia [Em linha], <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/escrita>, consultado em 25 de junho de 2010.

Esselink, Bert, *The Evolution of Localization, The Guide for Multilingual Computing & Technology*, #57 Supplement, July/August 2003, <http://www.multilingual.com>, consultado em 15 de junho de 2010.

Europa, Sínteses de Legislação da União Europeia,
http://europa.eu/legislation_summaries/human_rights/fundamental_rights_within_european_union/l33501_pt.htm, consultado em 29 de novembro de 2009.

Instituto Camões Portugal, <http://www.instituto-camoes.pt/eua/tradutora-de-eca-de-queiroz-para-ingles-recebe-premio-do-pen-club.html>, consultado em 10 de Outubro de 2010.

Jornal Oficial das Comunidades Europeias, Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, JOC 364/8 de 18.12.2000, http://www.europarl.europa.eu/charter/pdf/text_pt.pdf, consultado em 13 dezembro de 2009.

Jornal Público, Critérios para publicação de cartas ao Director, Fevereiro 2005,
<http://static.publico.clx.pt/homepage/site/contactos/criterios/cartasDirector.aspx>, consultado em 18 de julho de 2010.

LISA – Manuel de Introdução à Localização – 2ª edição, atualização elaborada por Arle Lommel, (SMP & LISA) com base no texto original da primeira edição de Deborah Fry, sócia-diretora da Fry & Bonthronne Partnerschaft, <http://www.lisa.org>, consultado em 15 de maio de 2010.

Margaret Fuller, *Margaret Fuller Bicentennial*, <http://www.margaretfuller.org/>, consultado em 15 de fevereiro de 2010.

Memorialismo, Infopédia, [em linha], [http://www.infopedia.pt/\\$memorialismo](http://www.infopedia.pt/$memorialismo), consultado em 10 de janeiro de 2010.

Merriman, C.D., for Jalic Inc, *The Literature Network – Elizabeth Barrett Browning*, 2006,
<http://www.online-literature.com/elizabeth-browning/>, consultado em 10 de Maio de 2010.

Merriman, C.D., for Jalic Inc, *The Literature Network - Emily Dickinson*, 2006, <http://www.online-literature.com/dickinson/>, consultado em 15 de maio de 2010.

National Park Service, Statue of Liberty National Monument,
<http://www.nps.gov/stli/historyculture/stories.htm>, consultado em 22 de março de 2010.

Projecto Vercial, Soror Mariana Alcoforado, <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/alcofora.htm>, consultado em 16 de Setembro de 2009.

Ralph Waldo Emerson, Encyclopædia Britannica Online,
<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/185770/Ralph-Waldo-Emerson>, consultado em 12 de janeiro de 2010.

Ralph Waldo Emerson, Guide to Resources on Transcendentalism and Emerson,
<http://www.transcendentalists.com/1emerson.html>, consultado em 15 de abril de 2010.

The Century, Cornell University Library, <http://digital.library.cornell.edu/cgi/t/text/text-idx?c=cent;idno=cent0024-3>, consultado em 3 de fevereiro 2010.

The Jewish Virtual Library, AICE, Emma Lazarus,
<http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/biography/lazarus.html>, consultado em 3 de fevereiro de 2010.

United States Holocaust Memorial Museum, Enciclopédia do Holocausto,
<http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005183>, consultado em 10 de setembro de 2010.

Dicionários on-line

<http://dictionary.reference.com/>

<http://www.dicoland.com>

<http://www.infopedia.pt/>

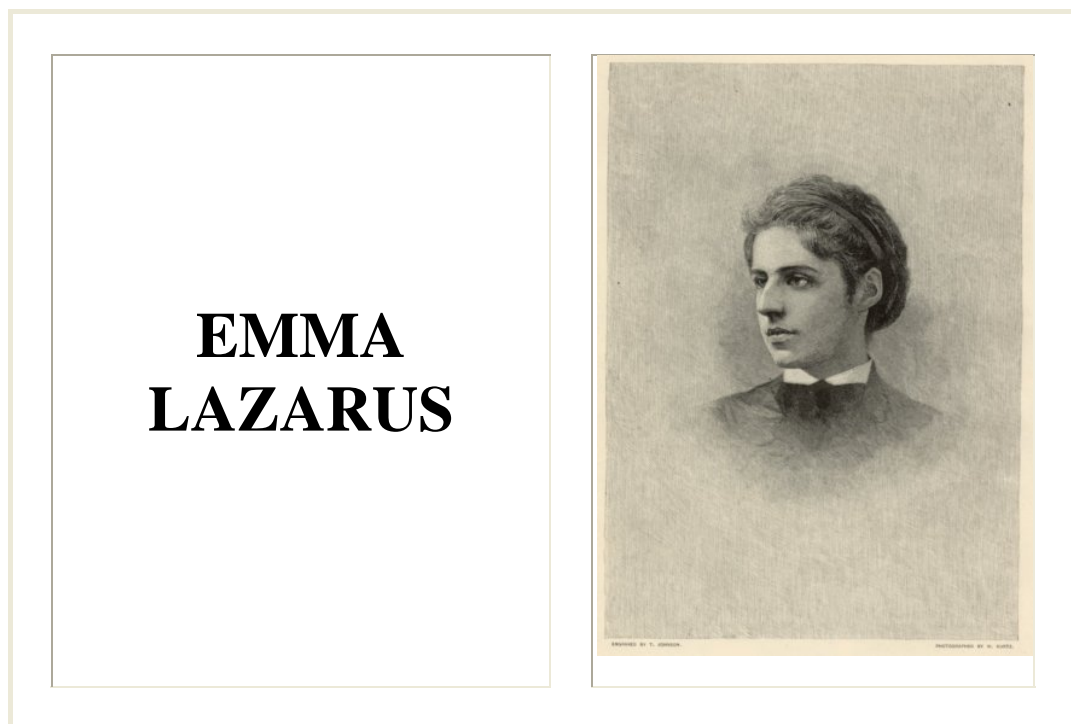
<http://www.lexicool.com/>

<http://www.priberam.pt/>

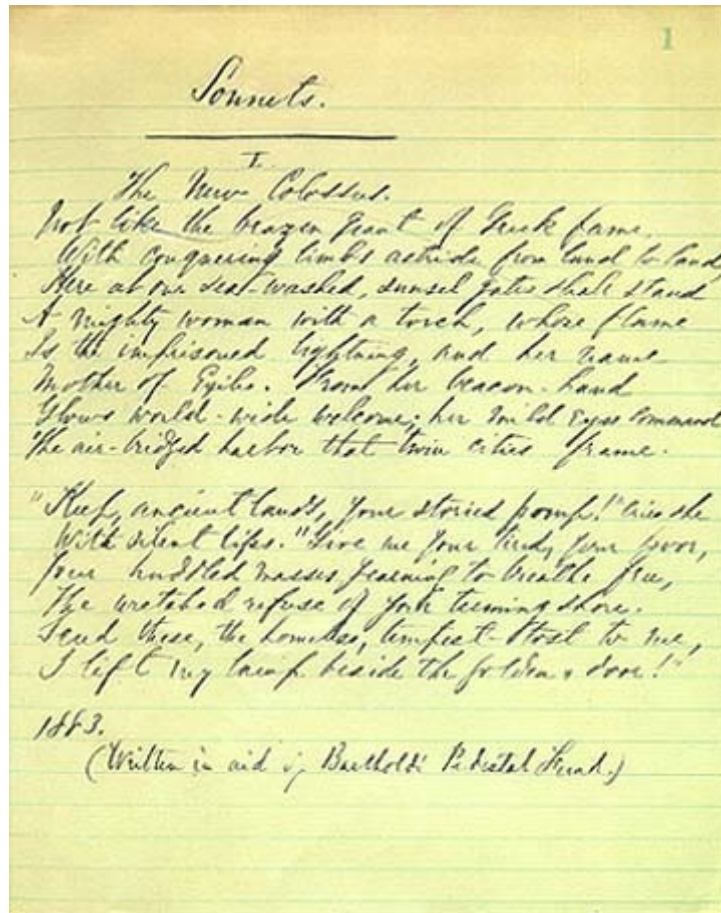
Anexos

Anexo 1 – Capa de publicação

The Century Illustrated Monthly Magazine
The Century Co. New York
Vol. 36 (14 New Series), Number 6, October 1888
<http://www.endex.com/gf/buildings/liberty/.%5Clibertyfacts%5CEmmaLazarus%5Cemma.htm>



Anexo 2 – Soneto “The New Colossus”



The New Colossus, from Emma Lazarus' Copy Book

Title: The Century; a popular quarterly. / Volume 24, Issue 3

Associated people: Emma Lazarus

Institution: American Jewish Historical Society
<http://jwa.org/node/8229>

Anexo 3 – Artigo de Emma Lazarus “Emerson’s Personality”



Title: The Century; a popular quarterly. / Volume 24, Issue 3

Publisher: The Century Company

Publication Date: July 1882

City: New York

Pages: 980 page images in vol.

URL: <http://digital.library.cornell.edu/cgi/t/text/text-idx?c=cent;idno=cent0024-3>

EMERSON'S PERSONALITY.

THE death of Emerson rounds into a perfect orb one of those radiant lives scattered at wide intervals through history, which become the fixed stars of humanity. A youth of purest, fiery aspiration, a manhood devoted to the eloquent exposition in word and act of moral truths, an old age of serene benevolence—in his case the traditional fourscore years allotted to our kind were literally passed upon the heights, in daily familiarity with ideas and emotions which are generally associated only with moments of exaltation. His uncompromising devotion to Truth never hardened into dogmatism, his audacious rejection of all formalism never soured into intolerance, his hatred of sham never degenerated into a lip-protest and a literary trick, his inflexible moral purpose went hand in hand with unbounded charity. In him the intellectual keenness and profundity of a philosopher, and the imagination of a poet, were combined with that child-like simplicity and almost divine humility which made him the idol of his fellow-townsmen and the easily accessible friend of the ignorant and the poor. No discrepancy exists between his written words and the record of his life. He fought his battle against error and vice, not with the usual weapons of denunciation and invective, but by proclaiming in speech and deed the beauty of truth and virtue. He has founded no school, he has formulated no theory, he has abstained from uttering a single dogma, and yet his moral and intellectual influence has made itself felt as an active and growing power for highest good over the whole breadth of the continent. It is not my purpose to criticise his literary achievement, nor to estimate his value as poet and essayist; I shall simply endeavor to indicate, however inadequately, the genius of his personality.

Probably few American readers are unacquainted, through photograph, portrait, or written description, with Emerson's outward characteristics: the tall, spare figure, crowned by the small head carrying out, with its bird-like delicacy and poise, the aquiline effect of the beaked nose and piercing eyes. But no art can reproduce the luminous transparency, as it were the sun-accustomed gaze, of those unforgettable eagle eyes, nor the benign expression of smiling wisdom which in his old age transfigured his naturally rugged features. This expression revealed something brighter than resignation or even cheerful-

ness: it was the external sign of a spirit that had faced without shrinking the problems of existence, had suffered with the poet's twofold suffering, as keenly through sympathy as through experience—and that none the less found only a pledge of joy in the beauty of life and the promise of death. "That which was ecstasy had become daily bread." His very presence seemed like a benediction to those who saw him pass through the streets and outlying fields of his beloved town. To complete this general sketch of his appearance, it may be added that his coloring was Saxon; the effect of the inward light which tempered the austerity of his vigorously molded countenance was not a little enhanced by the freshness of complexion which he retained almost to the end, by the clear gray-blue of his eyes, and the dry, twinkling humor of his smile. His manner toward strangers, while extremely simple, was marked by an exquisite suavity and dignity which peremptorily, albeit tacitly, prohibited undue familiarity or conventional compliment. Sought after as he was, particularly during recent years, by literary novices who saluted him as master, and pestered, like all prominent persons, by visits and letters from the ordinary notoriety-mongers, he found no occasion to resort to inveterate exclusiveness or repelling harshness. He seemed indeed to hit upon the happy medium between that amiable weakness which has made the approval of some elderly poets considered equivalent to a "brevet of mediocrity," and that impenetrable self-absorption which on the other hand shuts out many great minds in advancing age from sympathy with a rising generation. He never acknowledged the receipt of works sent to him by authors, unless he could offer them encouragement, preferring to disappoint them by his silence rather than by his dispraise. Let me not be understood as implying that his literary judgment was infallible. The strong religious bias of his nature necessarily developed in him certain idiosyncrasies of taste and opinion. For him, Shelley and Poe were distinctly not poets; he had little or no acquaintance with Heine, and I am inclined to think, though of this I have no positive knowledge, that Swinburne's name was similarly absent from his list of singers. On the other hand, in defiance of all æsthetic canons, very inferior as well as obscure writers might be exalted by him to a dizzy eminence,

almost lifted into immortality, by one of his golden sentences, simply because such a writer had struck or tried to strike that note of moral aspiration with which every chord of Emerson's great heart throbbed in unison. And his praise, when he bestowed it, was royal, almost overpowering the recipient by its poetic hyperbole. His friends and correspondents had to make liberal allowance for this splendor of enthusiasm which led him to magnify the merits of others, and for his peculiar eloquence, which adorned them with ideal loveliness, and which flowed as freely in his familiar letters and his serious conversation as in his books and lectures. Within the sharply defined limits fixed by his temperament, he was one of the most searching, discriminating, fresh, and delicate of critics. With his penetrating vision and glowing imagination, he gave us new insight into the genius of Plato, Plutarch, Shakspeare, Milton, Goethe, Burns, and many others concerning whom the final word seemed long since uttered. He invariably lifted us up to a higher point of observation of the most familiar objects. And in estimating the worth of a new production, his clear judgment (always within the above-mentioned limitations) seemed little less than oracular. On one occasion, only a few years ago, a friend consulted him for advice in regard to the poems of a then unknown writer, who has since won high recognition. The manuscript was read to him in the presence of two or three persons of culture and intelligence; the poems were crude, rugged, and strongly individual. So strange and uncouth did they seem that, when the reader ceased, no one else present had been able to form the vaguest opinion as to their artistic value; but Mr. Emerson himself, without pause or hesitancy, gave utterance to a criticism so incisive and comprehensive as to supply in the briefest compass all the advice and encouragement which the young poet needed at the time. "No discouragement must damp his ardor," concluded Mr. Emerson, "no rebuff be sufficient to quell this impulse which urges him to write. A single voice in his favor should be enough to support him till he attain the mastery of style and taste which shall complete and perfect his gift. Indeed, a single voice is more than I had myself as a beginner," he added with his wise, subtle smile. "My friends used to laugh at my poetry, and tell me I was no poet."

Rigorously as he insisted upon the moral element in art, he was also a passionate admirer of beauty of form. He delighted in that unsurpassable master of form, Petrarch, and set a very high value upon the technical finish

of Tennyson, "some of whose single words," he said, "were poems in themselves." Careful to fastidiousness in his own choice of words, he was a severe arbiter, and could not endure a feeble or inadequate epithet. His poems have been censured for their formlessness, but their peculiarities of structure arise in no instance from negligence, but from an essential lack of lyric spontaneity and an over-weight of thought. Indeed, Emerson, as is evinced by his indifference to Shelley, remained ever deaf to pure lyricism; the frank sensuousness of its appeal to the ear rather than to the soul repelled this austere spirit. Nor, even when it addressed the soul through the ear, could he be easily reached through this medium: music was to him a sealed volume. And yet, nowhere in his published works do I find a more eloquent description of the poet's prerogative than in the following words, which I am fortunately enabled to quote from a private letter, wherein he uses the musician's symbols: "I observe that my poet gains in skill as the poems multiply, and may at last confidently say, I have mastered the obstructions, I have learned the rules, and now every new thought and new emotion shall make the keys eloquent to my own and to every gentle ear. Few know what treasure that conquest brings, what independence and royalty. Grief, passion, disaster are only materials of art, and I see a light under the feet of Fate herself." I take the liberty of enriching my page with yet one more quotation from a letter written by Mr. Emerson: "Books are a safe ground and a long one, but still introductory only, for what we really seek is ever comparison of experiences—to know if you have found therein what alone I prize, or, still better, if you have found what I have never found, and yet is admirable to me also. Books so tyrannize over our solitude that we like to revenge ourselves by making them very secondary, and merely convenient as hints and counters in conversation. Yes, and I hold that we have never reached their best use until our own thought rises to such a pitch that we cannot afford to read much. I own this loftiness is rare, and we must long be thankful to our silent friends before the day comes when we can honestly dismiss them."

These brief extracts, selected almost at random, sufficiently prove, by their characteristic force of expression and nobility of tone, what a treasure-mine will be opened to the world if Mr. Emerson's correspondence be published.

I have never met with any allusion in print to Emerson's gift of elocution, and yet no one who heard him read a stanza of poetry

was likely to forget it. He indulged in no elocutionary tricks, no studied intonations, but his voice took on an added sonority, the verse seemed to flow from his lips with a mingled force and sweetness which thrilled through the listener's every fiber. It was my good fortune to hear him read one evening Mr. Stedman's ballad of "Ossawatomie Brown," which was an especial favorite of his. So powerful was the impression created by the subdued organ-tones, the majesty of his delivery, and the heroic ring with which he narrated the stirring tale and chanted the refrain, that I confess to having been then and since utterly unable to form a critical estimate of the poem itself. Whether it be one of the noblest lays ever sung by man, or a modest and unpretentious ballad, I leave it for unbiased critics to determine; for my part, I am glad to give it the full credit of the magical effect produced by its adequate interpretation.

Of late years, the pretty little village of Concord became, as the home of Emerson, the Mecca of many a reverent pilgrim from all parts of America and even of the Old World. To how many thousand youthful hearts had not his word been the beacon—nay more, the guiding star—that led them safely through periods of mental storm and struggle! For the privilege of pressing his hand, of looking into his eyes, men would travel over leagues of land and sea. And when they came from London or San Francisco, from Berlin or St. Petersburg, what did they find? In a modest home, looking out upon orchard and garden, in the midst of wholesome, natural influences, simple, domestic, obedient to every moral law, they saw him whose

"soul was like a Star, and dwelt apart,"
and yet

"The lowliest duties on herself did lay."

The closer one drew to that fount of wisdom and goodness, the clearer and brighter did it

show. Those who only knew him through his books and appreciated his intellectual power, were prone to think of him as "a man forbid," wrapt in philosophic musings, and formidable of access. The first glance at his benevolent face, which, as Hawthorne said, wore "a sunbeam in it," sufficed to set the shyest at their ease. Nothing but falsehood, flippancy, and affectation need have felt abashed in his presence; for his courtesy, gentleness, simplicity, and boundless hospitality made "nothing that was human alien to his sympathy."

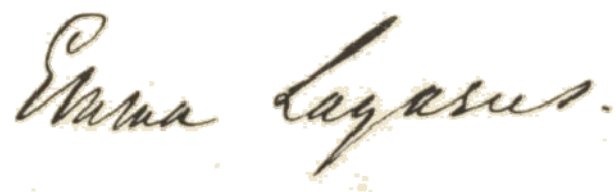
Amidst the turmoil and greed of our modern life, this radiant spirit stood erect and shining as a shaft of light shot from the zenith. All his life long he had insisted upon the infinite force of personality, and he himself proved the living embodiment of his theory. With his lofty idealism, he individually outweighed the contrary evidence of whole town-ful of his fellow-countrymen given up to "the toss and pallor of years of money-making." Had he not the right to say: "In literature, as in life, I believe that the units, or atoms, outvalue the masses"? Let us be thankful that he was not, as some people complain, a man of action. America has never been, and is not likely to be in future, at a loss for men of practical energy, of prompt and decisive deed. But Emerson alone, even if none other comparable to him shall arise again, has conferred upon her the right to smile at the reproach of being absorbed in a rank materialism. Nor is it too much to say that he was the inspirer and sustainer of countless heroes of some of the bravest deeds in our history.

He is the splendid antithesis of all that is mean and blameworthy in our politics and pursuits, for he also is the legitimate outcome of American institutions, and affords an eternal refutation of the fallacy that democracy is fatal to the production and nurture of the highest chivalry, philosophy, and virtue.

Emma Lazarus.



Anexo 4 – Assinaturas

A handwritten signature in brown ink that reads "Emma Lazarus." The script is cursive and elegant, with a period at the end.

Assinatura de Emma Lazarus

A handwritten signature in black ink that reads "R.W. Emerson." The script is cursive and elegant, with a period at the end.

Assinatura de Ralph Waldo Emerson